

normal o some () de chans on O .obairand defon seens um vadocentis-uno spis dio, que è fada minos o much, Chinique,

subedor de catada, em que se sebam as celesa de Mentidos, e do mase ch

(ANNO DE 1842.) OU CUMITA CO SECONDO S que a par mardresse do seu propeto, la desmita. Union con de de Eugenio, y alopois, con elle dienellus in mosmo. A Co.

que mireou o praxo de 15 dies -

no the communica o feet grants about a que a que se se a com-ERMELINDA OU OS AMORES D'EUGENIO - COMEDIA EN TRES ACTOS.

PARECER. Tive a coragem de ler duas vezes a comedia em tres actos — ERMELINDA ou os amores d'eugenio — proposta a premio, e é impossivel descrever ao vivo o desgôsto, e o nojo que me causou a leitura d'esta horrorosa monotonia de disparates escriptos em pessima linguagem, e estylo, sem grammatica, sem orthographia, com que o bom do auctor quiz occupar a attenção do Conservatorio, o qual hade fazer-lhe justica rejeitando-a in limine, que é a maior

merce, que este joven litterato póde receber.

É o caso. A Condessa Ermelinda filha do Marquez de Villela está occultamente cazada, ha annos, com Eugenio, filho de um negociante, mas ja Commendador; tem uma filha d'elle de 6 para 7 annos, chamada Adelaide, ambas vivem com o Marquez, porêm este nada sabe nem suspeita, e pretende caza-la com o Marquez de Vellinha, de nascimento muito illustre. Elvira é a unica confidente da Condessa. O pae vem annunciar-lhe a chegada do pretendente; depois annuncia ao público que ella não quer cazar. Apparece o pretendente, que é inteirado da negativa, e do projecto de querer o pae obriga-la a cazar á fôrça. Vem a Condessa, o pae quer lançar-se a ella, o pretendente se oppõe, e manda-o retirar. Fica só com a Condessa, a quem declara o seu amor, mas ella lhe diz, que ama outro: o pretendente insta, e dá-lhe dois mezes para meditar, e retira-se. Elvira introduz Eugenio, que ja sabe do acontecido, e quer matar-se a fim de a Condessa podêr cazar com outro. A Condessa resiste, chama-o Commendador, e que brevemente ha de ter um titulo, e que tudo se hade compôr. Eugenio despreza titulos e nobrezas, e sobre isto argumenta com a Condessa. - Eis-aqui o esqueleto do 1.º acto, entrando tambem um ridiculo episodio de um criado (Henrique) que namora duas criadas, que ambas disputam os seus beijos e abraços, tendo tracto illicito com uma d'ellas ha 5 Tom. II.

annos, e na sua presença dança a gavota com a outra, divertimento, com que

o auctor mimosea os espectadores.

No 2.º acto apparece a Condessa com sua filha. Elvira vem dizer-lhe, que consie nos talentos d'Eugenio para desarmar os planos do pae. A Condessa desconfia do pouco desembaraço d'Eugenio, porque sabe, que elle so aspira a ser litterato, e que não apreciou o titulo de Barão de Lagos, com que ja se acha agraciado. O pae manda chama-la, e durante esta ausencia corre na scena um indecentissimo episodio, que é nada menos o criado Henrique perseguido pelas finezas das suas amantes, estando elle com as calças borr... por causa do medo de um fantasma, que lhe appareceu! O público é claramente sabedor do estado, em que se acham as calças de Henrique, e do man cheiro, que as namoradas soffrem ao pe d'elle. Torna depois a Condessa a vir dizer, que o pae não desiste do seu projecto, e desmaia. Elvira certifica-lhe o amor de Eugenio, e depois vem elle dizer-lhe o mesmo. A Condessa diz, que seu pae marcou o prazo de 15 días, para ella se resolver a cazar, e então Eugenio lhe communica o seu grande plano, que é apresentar-se n'esse dia, e declarar que é cazado com a Condessa, revolar este grande segredo, e disputar palmo a palmo as pretenções do Marquez de Vellinha. E eis-aqui o 2.º acto.

No 3.° acto apparece o Marquez de Vellinha em grande tom victoriandose da boa moça, que vae gozar. A Condessa vem ter com elle, e torna-lhe a
dizer, que ama outro. O Marquez pretende saber ao menos, se o seu rival é
nobre, ou plebeu, e a Condessa responde, que nascêra de paes obscuros, mas
que é nobre, porque quando soube, que elle Marquez a pretendia quiz suicidar-se para lhe facilitar o consorcio. O Marquez pergunta-lhe se está cazada
com o seu rival, mas a Condessa não lhe revela o segredo, e diz somente,
que está ligada pelo amor, e que o hymeneu é uma convenção. O Marquez finalmente diz-lhe, que ainda que seja cazada, e com filhos, que assim mesmo
a quer, e marca-lhe duas horas para se decidir, e declarar o nome do rival.

Fica só o Marquez, e entra o pae, a quem propõe o projecto de assassinarem o rival. O pae pergunta se elle é nobre, ou plebeu, e apenas ouve dizer que é plebeu, annue ao projecto, e disputa a houra de ser o primeiro a assassina-lo.

Annuncia-se, por um criado, o Barão de Lagos (Eugenio); entra, e comprimentam-se todos tres amigavelmente: quer fallar so com o Marquez pae, no que elle não consente, e na presença dos dois começa a relatar os seus amores com a Condessa. O pretendente tira um punhal, e quer mata-lo á traição, mas Eugenio põe-se em guarda, repete-lhe uns versos de João Xavier de Mattos ácerca da igualdade, e o pretendente fica mais brando. Chega a Condessa com a filha lança-se aos pés do pae, e obtem o seu perdão. O pretendente reconhece a justiça, que assiste aos dois esposos; o criado Henrique caza com uma das criadas, e a Condessa, e Eugenio cantam uns versos de má morte. E eis-aqui o 3.º e último acto d'ésta celebre comedia, cuja leitura é um castigo, um tormento, que podia muito bem substituir as galés, os trabalhos públicos, os açoites, e outras diversas penas do Livro 5.º da Ordenação do Reino; e podia no tempo das torturas e dos juizos de Deus, substituir optimamente os tractos de polé, e as provas da agua, e do fogo. Pela minha

parte declaro a algum meu inimigo, se é que o tenho, que está vingado, porque li uma, e duas vezes a comedia — ERMELINDA OU OS AMORES D'EUGENIO — com a sua Ode, Introducção, e Argumento, peças de igual calibre, e que mostram o quanto é atrevida a ignorancia.

Sinto ver-me na necessidade de fallar d'ésta maneira, mas appello para quem ler a comedia, ou qualquer parte d'ella, e achará que tenho razão, e que talvez ainda fui muito prudente.

If refers where a feet a college has acted a committee to be in Melasses. It is not the the Melasses are assented and the less of the construction and the construction of the constructio

traducidas, tialiam facquade a gaina springuesa pun émiro coesta ao reneithe da seculo 18."; e que casim achasta um diretta cam qui quina heriva que chito e bem trocado, hem libidado um tanto as una patris, espacia, em tellas mestiméntos, sustantido emiliado emitante la capacida e constituira de la compania de constituira de constitui

Esperava ünathirens paristerses, di tain infeltrandita dei vira battila peles nellases diministrates paristerses, di tain infeltrandita cel den media di tain escriptores portuguestes; que qua octava la especial cel especial de media, el sobre dinor, di de conferencial d

Lisboa, 15 d'Agosto de 1842.

Z

)

a

ir

Antonio Joaquim da Silva Abranches.

Altes errores en plano, er mendende, e com actillacoras columne do the acarded drupa son plano, er mendende, e com actillacoras columne do the acarded drupa son plano, er mendende, e com actillacoras columnes en productives and describes. Columned en control de co

reis moneiro, mos appello pere

MIGUEL DE VASCONCELLOS — DRAMA ORIGINAL PORTUGUEZ EM CINCO ÁCTOS.

PARECER.

Quando pela primeira vez abri o drama original portuguez em cinco actos, intitulado — MIGUEL DE VASCONCELLOS — que me foi remettido pela Classe de Litteratura do Conservatorio, para que eu ajuizasse do seu merecimento, e se elle sería digno de concorrer aos premios determinados; e achei no alto da sua primeira pagina a elegante epigrase — Ah vendicate, Romani, il vostro erbe. . . . etc., colhida no acto 3.º scena 13.º do Ezio de Metastasio; assentei que hia ler um drama regular, muito provavelmente no gôsto e na eschola d'aquelle clarissimo escriptor, cujas composições, bem ou mal traduzidas, tinham occupado a scena portugueza um longo espaço no principio do seculo 18.°; e que assim acharia um drama com um plano bem concebido e bem traçado, bem dividido em todas as suas partes, exposto em bellos sentimentos, sustentado em characteres apropriados, e executado n'uma linguagem pura, correcta e castigada, como o são todas as composições de Metastasio. Esperava finalmente achar um drama fóra d'aquella carreira batida pelos actuaes dramaturgos parisienses, e tam infelizmente calcada pelos nossos novos escriptores portuguezes; que não acharia furores, incendios, assassinios, violencias, e sobre tudo desconcertos e desatinos; e então me lisongeava de dar um voto de approvação, que me contentasse a mim, que honrasse o auctor do drama, e que satisfizesse o Conservatorio.

Mas enganei-me, e nada disto achei; antes pelo contrario, achei um drama sem plano, sem conducta, e sem intelligencia alguma do theatro, levado arrastadamente até ao fim de um 5.º acto; characteres improprios, forçados, sem conhecimento algum do coração humano; sentimentos, sentenças, e expressões as mais inconvenientes; linguagem incorrecta, barbara, sem naturalidade, sem propriedade, e sem escolha; e para dizer tudo, uma constante incorrecção de estylo, faltas grammaticaes, esquecimento da mais vulgar orthographia e pronúncia portugueza, e até desprêzo ou desconhecimento da pontuação mais ordinaria. N'estes últimos defeitos póde recorrer-se á desculpa do copista: mas qual é o homem, supposto ou presumido litterato, que manda uma composição sua a um Concurso para premio, a uma Corporação da dignidade do Conservatorio, e a manda sem a ler, sem a ver, sem a examinar se vae direita, não digo já, correcta? Se o não fez, como supponho, não tem desculpa; e se o fez, porque o não intendeu, ainda é mais culpado. Não quero eu dizer que o drama não está no grau de ser premiado; quero eu dizer que o drama não está em estado de apresentar-se ao Conservatorio para consideração alguma, e não deve ser admittido a um tal Concurso. E para que eu justifique este meu juizo, e o Conservatorio me não julgue a mim exagerado, ou de qualquer maneira prevenido, eu vou traçar um ligeiro exame do 1.º acto, e talvez ainda do 2.º, se a paciencia minha, e a do Conservatorio o permittirem.

Acto 1.°, scena 1.°, pagina 1.°— Em Lisboa, em casa de Diogo da Cunha, fidalgo portuguez, e pae de D. Leonor, introduz-se de madrugada, e apparece em um salão custosamente armado, D. Affonso de Menezes, que chega de Evora, que julga aqui achar ja D. Fernando de Castro, chese dos levantados contra o governo de Filippe 3.º, e que para aqui ja partiu ha dias: e D. Affonso vem para o ajudar, e o defender na sua empresa. Este D. Fernando é o promettido esposo de D. Leonor, filha de Diogo da Cunha, e ja viuva de um Alvaro de Castro, que Miguel de Vasconcellos matou aleivosamente, por lhe ter sido preserido por D. Leonor, e cujo segredo aquelle D. Affonso sabe, porque até o presenciou, e o quer descobrir na occasião do consorcio, se a prepotencia de Vasconcellos conseguir a mão de D. Leonor, a despeito da mutua inclinação e projectos entre ella e D. Fernando, com approvação de seu pae, como o sabe muito bem Miguel de Vasconcellos. Para este proposito arriscado quer D. Affonso conservar-se escondido em casa de Diogo da Cunha até às nupcias, para então nesse acto apparecer, atterrar Miguel de Vasconcellos, e interromper o casamento; mas tudo isto, ja desde este ponto, me parece incoherente, vão, e muito mal imaginado.

Scena 2.*, pagina 3.*— Acordou na sua cama, ainda de madrugada, e vem esfregando os olhos para o salão, Nuno, mordomo antigo da casa de Diogo da Cunha, e ahi se encontra com D. Affonso. Diz-lhe que D. Leonor se casa hoje com Miguel de Vasconcellos, porque, negando-lh'a o pae, Miguel de Vasconcellos o fizera prender por suspeito de intelligencias com os rebeldes; e então D. Leonor cedêra, pela liberdade de seu pae. D. Affonso pede ao mordomo Nuno que lhe prepare um gasalhado, para permanecer na côrte, debaixo da condição do maior segredo..... etc. e o convence logo, entregando-lhe uma bolça com dinheiro. Sentem gente, que chega, e sahem ambos; conti-

nuando o vão, o trivialissimo, e o muito mal imaginado.

Scena 3.4, pagina 8.4— Na scena, que fica vasia logo no principio do 1.º acto, neste mesmo salão onde entrou D. Affonso vindo de Evora, e onde entrou o mordomo Nuno vindo da sua cama; neste mesmo salão entra Isabel, creada de D. Leonor, trazendo na mão um adereço de sua ama, limpando-o e preparando-o para o dia de hoje, e dizendo muitos disparates sobre o casamento da Senhora, e sobre os casamentos das mulheres todas em Lisboa, as-

sumpto inexhaurivel de inepcias e frioleiras.

u

Scena 4.ª, pagina 9.ª—No mesmo salão apparece D. Fernando de Castro, que D. Affonso disse na scena 1.ª que ja tinha partido de Evora para Lisboa alguns dias antes d'elle, e que agora se figura chegar alli n'este momento. É fogoso, e vem furioso. Quer ver, e fallar a D. Leonor immediatamente. Isabel lhe aconselha que se retire, por não causar alli alguma desgraça, e que ella o irá esperar á pequena porta da Ermida, mas não lhe diz a que horas. E d'aqui ja notâmos que n'éstas duas scenas 3.ª e 4.ª começa uma servil e mal intendida imitação do excellente drama dos — dois reneça uma servil e a proposito voltaremos. Entretanto, Isabel é que se retira, e alli deixa D. Fernando, que é justamente o contrario do que ella lhe aconselha, e do que era preciso que se fizesse.

Scena 5., pagina 10. - D. Fernando fica so, no tal salão, desenrolando

o maior chorrilho de disparates amatorios, e de faltas de bom senso, e de

juizo, que se póde imaginar.

Scena 6.*, pagina 12.*—Isabel volta ao salão, a instar com D. Fernando que se retire, pois que lhe parece que alli vem o Vasconcellos. E D. Fernando que ainda agora vinha para o matar, e a todo o mundo, retira-se com effeito,

não se sabe por onde, nem para onde.

Scena 7.a, pagina 43.a—Isabel fica; e em logar de Vasconcellos, que ella tinha annunciado, entra no salão Diogo da Cunha, e D. Leonor encostada ao braço de seu pae. Sentam-se, lastimam-se, e com a maior impropriedade alli tratam o negocio do casamento, que vai ser naquelle dia, com Miguel de Vasconcellos. D. Leonor declara que é violentada pelo desejo de salvar seu pae, e obedecer-lhe; e o pae declara que so por se livrarem ambos da perseguição e vingança de Vasconcellos, é que elle roga a condescendencia de sua filha, não exigindo comtudo o seu absoluto sacrificio. Antes do fim d'ésta scena 7.a, D. Leonor fallando com seu pae, vê de longe D. Fernando, que não entra no salão, nem Diogo da Cunha o vê. Mas para que sahiu D. Fernando no fim da scena 4.a. porque sahiu?... para onde foi?... aonde esteve todo este tempo?... a fazer o que?...— E para que apparece agora aqui?... porque não entra?... para onde torna outra vez?... porque? e para que?!—Logo não ha desenho, não ha plano, não ha drama, e não ha uada.

Scena 8.°, pagina 16.°— Nuno entra apressado, a dizer que Miguel de Vasconcellos está alli, esperando Diogo da Cunha no seu gabinete; que vem guapo, bem paramentado, e como noivo. E porque não veio elle ter ao salão, e vai para o gabinete de Diogo da Cunha? Se é o dia do casamento, porque o não estavam esperando n'alguma outra sala, ou mesmo n'ésta, o pae e a filha?... Como é que Nuno vem sózinho aqui annnuciar a sua vinda, sem haver as disposições proprias para ser recebido um figurão como Miguel de Vasconcellos, em casa do sogro, no dia do casamento?... Diogo da Cunha, se ha de partir ja, e ás carreiras, manda dizer ao Vasconcellos que prestes estará com elle. — Parte Diogo da Cunha com effeito; e D. Leonor fica sózinha no salão... Em que estado?... em que dia?... em que occasião?... em que circumstancias?!... (Note-se que eu sublinho algumas expressões mais assignaladas; que todas, era impossivel; conservando-lhe a pontuação, e a orthographia.)

Scena 9.a, pagina 17.a — D. Leonor fica sózinha no salão por muito tempo, lamentando a sua proxima sorte, lembrando-se de D. Fernando, das esperanças que lhe tem dado, dos excessos que elle póde n'este dia commetter, e recordando-se de seu primeiro marido D. Alvaro de Castro, morto por Vasconcellos, que, apezar de ella ser viuva de um, e estar compromettida com outro, e a elle o aborrecer perpétua e cordealmente, assim mesmo a quer por sua mulher, á fôrça, sem motivo conhecido, sem amores antecedentes, ainda que illusão tivessem sido, sem relações domesticas, familiares, que as vezes prendem, e cegam, sem se saber porque. D'este lance pois, do qual, assim mesmo defeituoso, se poderia tirar algum partido; e como que para pôr um apagador em cima de qualquer cousa boa que d'alli podesse reluzir; torna Isabel ao salão, a dizer a D. Leonor que lá dentro está D. Fernando, furioso

com a noticia das suas nupcias, e que alli vem de Evora para interrompê-las, à custa seja de quantas mortes for. — Mas como se tem elle demorado lá dentro sem ser visto, ou notado por mais alguem, quando a casa deve estar toda em alvoroço; creados de Vasconcellos, creados e amigos de Diogo da Cunha?... Ou, se D. Fernando sahiu, e se foi embora, porque Isabel assim lhe aconselhou na scena 6.º, para que torna elle agora intempestivo? — D. Leonor diz a Isabel que ella vai escrever duas regras (formaes palavras) a D. Fernando, e que n'estas duas regras vai dizer-lhe que parta immediatamente de Lisboa, para evitar a vingança de Vasconcellos, mas tambem para dizer-lhe que ainda o ama, que ainda o estima muito, que sempre o estimará.... N'este momento, de incriveis despropositos, ainda que Isabel lhe trouxe ha poucos instantes o seu recado, entra Nuno estupefacto, dizendo a D. Leonor, que está alli D. Fernando de Castro que a procura, e que lhe pede o obsequio de lhe fallar.

е

u

e

n

e

a

n

e

18

:0

15

r

la

a

16

ìr

18

Que é isto?... A gente sonha?... ou dorme?... ou está acordada?...

—Vejâmos. — D. Leonor responde — Nuno, dize-lhe que me é impossivel attendé-lo!... Nuno, Nuno, dize-lhe que entre, que o aguardo, mas não!...

Parte, não lhe posso fallar. (Isabel) Elle ahi vem! (D. Leonor) Que não entre, não o posso escutar; mas que vejo, Fernando!... E Fernando entra. — Estamos acordados.

Scena 11.°, pagina 22.° — D. Leonor cahe desmaiada nos braços de Isabel. — D. Fernando entra furioso, mas dirige-se primeiro a Nuno, do que a D. Leonor. — D. Leonor torna a si, e com ella rompem as furias insensatas e inconcludentes de D. Fernando, alternadas com os toscos e tontos gracejos de Nuno e de Isabel. — D. Fernando diz que um Galeão o aguarda, que nelle se transportará a terra estranha, matando primeiramente o Vasconcellos. — Justificações de D. Leonor... protestos ainda furiosos de D. Fernando, mas estes e aquellas, tudo desconcertado, desatinado, sem gôsto, sem sentimento, sem propriedade, nem delicadeza, nem genio, nem character.

" (D. Leonor) Não me acreditas, que maior prova queres? Eis-me em teus braços, um último adeus, um último abraço, e uma palavra nos separará para sempre (e abraçam-se.) — Abraçados, e quasi que esquecidos dos seus deveres, continúa D. Leonor — Que fazes, Fernando, afasta-te, abuzas da minha fraqueza, queres-me tornar mais desditosa, queres immolar mais uma victima... ah foge desgraçado, ou antes embebe-me esse ferro no peito, mas não me tornes mais infeliz. — (D. Fernando) Pois bem, Leonor, não é por me arrecear de ser desventuroso, ja assás o sou, mas...— (Isabel) Senhor, fugi. Miguel de Vasconcellos se encaminha para ésta sala. (D. Leonor) Fernando foge, pelo amor que me votas, foge. (D. Fernando) Adeus Leonor, em breve ouvirás fallar de mim, serás segunda vez viuva. (D. Leonor) Deus de summa misericordia, soccorrei-me! » — E sahem todos.

Perdeu-se a occasião de se acabar o drama, ou a tragedia, aqui mesmo, antes do fim do 1.º acto, o que sería muito notavel, sim, mas sería mais commodo para o auctor, e para o triste leitor; que a espectadores não era possivel que chegasse. D. Leonor e Isabel, tendo em casa ha tanto tempo Miguel de Vasconcellos, que está alli ja prompto para se cazar naquelle mesmo

dia, esquecem-se em conversas amorosas e furiosas com D. Fernando, que entrou de proposito para matar Miguel de Vasconcellos em quanto elle alli não está. Para isso tem na mão a adaga desembainhada, mesmo no tempo em que está abraçado com D. Leonor, para estar mais prompto; mas logo que Vasconcellos vem para o salão, foge D. Fernando, e fogem D. Leonor e Isabel, sem sabermos para onde nenhum d'elles se encaminha. Entretanto, no mesmo salão da casa de Diogo da Cunha abre-se a

Scena 12.^a, pagina 27.^a— entrando Vasconcellos, que estava com Diogo da Cunha no seu gabinete desde a scena 8.^a, pagina 16.^a, tratando não se sabe o que; e entra com o seu official maior de secretaria e seu confidente Antonio Corrêa, que certamente ninguem espera agora no salão de Diogo da Cunha.

« (Vasconcellos) — A final Antonio, Leonor é minha esposa, nem os céus,

nem o inferno poderiam oppôr resistencia a nosso consorcio.»

Pois onde estamos nós outra vez?... No fim da scena 11.°, antecedente, fugiram D. Fernando, D. Leonor, e Isabel, cada um para sua parte, porque Vasconcellos vinha do gabinete para o salão; e agora n'ésta scena 12.° entra o Vasconcellos n'este mesmo salão com o seu confidente Antonio Corrêa, e parecendo pelas suas palavras muito claras, ja desposado com D. Leonor.— Pois como é isto?—Veja-se. É d'este modo.

« (Vasconcellos) — Verdade é que sempre me accolhe triste e pezarosa, mas o volver do tempo espero destruirá esse modo acanhado, e frio com que apparece a meus olhos, e um dia virá, em que serei amado, e venturoso.»

E quem não julgaria que por este lado, a parte amorosa, ou antes comica do drama, estaria tambem acabada antes d'ésta scena 12.º do 1.º acto, e não existiria, ou continuaria o drama?... Pois não é assim: ainda não estão cazados, como logo se verá na scena 13.º, porque era preciso continuar o drama, como o auctor se comprometteu, e leva-lo a cinco actos; e para isso é necessario ir agora buscar a parte política do assumpto, que não será mais felizmente conduzida do que o tem sido a amorosa, ora tragica, ora tam comica, e ambas tam desarazoadas.

E para isso, Miguel de Vasconcellos, agora aqui mesmo no salão, e antes d'essa scena 13.ª, depois de repetir as aleivosias que praticou com D. Alvaro de Castro e com a mesma D. Leonor, passa a dispôr com Antonio Corrêa os meios de praticar o mesmo com D. Fernando, de o culpar nos tumultos de Evora, de o sentenciar á morte, ou de o assassinar pela sua mão. E quando Vasconcellos está dizendo que ao dar a punhalada mortal em D. Alvaro, o sensibilisára algum tanto a sua sorte, ouve-se dentro a voz de D. Affonso — E eu condo-me da tua. « (Vasconcellos) — Quem se atreve a vir-me escutar; prendam o temerario, mas quem será? fugiu!»

Ora recordemo-nos que estamos no salão de Diogo da Cunha; que está tudo em alvoroço para o cazamento; que ha de estar a casa toda em movimento; e que D. Affonso não póde apparecer proximo ao salão, e retirar-se, sem ser encontrado, visto, e reconhecido. Mas Vasconcellos com isto uão se inquietou, e so disse para o seu Antonio Corrêa — « Não pensemos em tal; cala-te, ahi vem a minha esposa; é chegada a hora afortunada: que vislumbres de ventura; d'aqui a poucos momentos Leonor será minha para sempre. »

— Julgava eu que não era possivel juntarem-se mais desconcertos; mas não é assim.

Scena 13.^a, pagina 31.^a— Diogo da Cunha, e D. Leonor paramentada de noiva, diz o texto, entram no salão, com Isabel, e no fim D. Affonso, como na 1.^a scena.

A duas baboseiras que diz Vasconcellos, responde D. Leonor — « Sou grata a vossos cortezes rendimentos. E Antonio Corrêa — Agraciada Dama, recebei as saudações do vosso mais humilde servo; e vós amigo Diogo da Cunha, como hides de saúde? (Diogo da Cunha) — Assim, assim como um septaginario. Senhores desposados, os convidados nos attendem, tudo está aprestado, faltais vós, nada de tardança, que não são agora momentos de tractar de requintes amorosos. » (Lembrem-se os leitores que eu conservo as palavras do texto sublinhadas, e a sua pontuação.) Tudo isto me parece o extremo do ridiculo. — E quando vão a sahir para o desposorio, apparece D. Affonso com a longa capa negra, chapeu desabado, e adaga na mão. . . — « Suspende desgraçada; quem vais esposar é o assassino de Alvaro de Castro. (D. Leonor) — Ah! um assassino! . . . (Diogo da Cunha) — Será possivel! . . . » D. Affonso desapparece. Vasconcellos corre atraz d'elle, deixa a noiva, e acaba-se o 1.º acto.

Aonde, e como estava D. Affonso alli escondido?... Este lance pertencia antes a D. Fernando... Que é d'elle?... para onde foi elle no fim da scena 11.°, se para isto sómente é que elle veio de Evora a Lisboa?!

Este primeiro acto que temos examinado, é uma imitação muito arrastada do 2.º acto dos Renegados; mas o auctor não teve em vista na sua composição outro algum drama conhecido, nem desconhecido, antigo ou moderno, tragico ou comico, porque não mostra indicio ou vestigio algum de tal lembrança, e só teve na sua consideração os Renegados na generalidade, e o Homem da mascara negra unicamente nas apparições e occultações d'ésta personagem, que o auctor quiz aqui tambem, mas tam infelizmente imitar com o seu D. Affonso de Menezes. Mas como o auctor não tinha as bellas ideas, a invenção dramatica, e a intelligencia do theatro que tinha o auctor dos Renegados, sahiu-lhe tudo confusamente, amontoado, mal adornado, e muito defeituoso.

Ja d'este 1.º acto se observa, e nos outros se verá perfeitamente, que o drama de — miguel de vasconcellos — é o drama dos Renegados em toda a extensão e intensão. Diogo da Cunha é o Pero Gonçalves dos Renegados; D. Fernando é Lopo da Silva; D. Leonor e Isabel são a Isabel e a Leonor trocando os nomes; Miguel de Vasconcellos é Samuel, ou Alvaro Fernandes...; mas que Samuel, e que Miguel!... e até o velho mordomo Nuno reune em si o Simão Affonso e o Pagem mourisco dos Renegados. Excellente modélo tinha o auctor escolhido se soubesse intendê-lo e aproveita-lo!... mas o auctor não avaliou as perfeições, e não entrou na belleza dos Renegados; não percebeu a delicadeza dos characteres de Samuel e de Isabel, nem a vehemencia do character de Lopo da Silva. O auctor encarou as coisas em grosso, não as pôde penetrar, e estragou tudo. O político astucioso, e oppressor Miguel de Vasconcellos tornou-se n'um amante furioso, incoherente, e insensato: um homem que os historiadores contemporaneos e imparciaes declaram insentom. II.

sible même aux plaisirs, et incapable d'être touché par aucun mouvement de tendresse, torna-se n'um furioso namorado, que persegue por muitos annos uma mulher que o despreza e o aborrece, a quem elle, por ciumes sem motivo, matou um primeiro marido; a quem por fineza, quer culpar de traidor, e cabeça de levantados, um novo pertendente que ella estima; e quando este pertendente vem armado, interrompê-lo no acto do seu mal considerado cazamento, deixa-o fugir, corre atraz d'elle, perde-o de vista, deixa-o esconder-se dentro em Lisboa, na propria casa em que Diogo da Cunha tambem se esconde com sua filha, e onde ésta se caza com D. Fernando, muito a aprazimento de todos tres, sendo Miguel de Vasconcellos senhor absoluto (para assim dizer) em Lisboa e Portugal; e D. Fernando n'este seu esconderijo continúa com os seus projectos de revolta, e nas suas communicações com os levantados do Alemtejo, sem que Miguel de Vasconcellos, omnipotente, descubra isto.

Vemos pois no plano, e nos characteres principaes do nosso drama, logo no 1.º acto, as maiores incoherencias, e os mais fortes desconcertos, que se podem imaginar. Estes continuam pelos outros actos, e se ainda podem crescer, crescem. D'elles so diria, de corrida, o que fosse indispensavel; mas para eu ficar absolvido de analyse mais extensa do que ésta ja tem sido, e para eu justificar perante o Conservatorio a minha repugnancia, e o juizo de exclusão, e de rejeição que tenho feito, seja-me permittido accrescentar alguma reflexão mais sobre esse infeliz acto 1.º, e sobre o seu modêlo, tam mal comprehen-

dido, do 2.º acto dos Renegados.

No fim do 2.º acto dos Renegados não é so interrompido o cazamento de Isabel pela entrada de Lopo da Silva, mas Samuel vai prêso pelos homens do Santo-Officio, de cujas mãos parece que nunca mais poderá sahir; Lopo da Silva fica acreditado com a familia, e habilitado para ser esposo de Isabel sem opposição, e ésta fica desculpada para podêr cazar-se, e lisongear nisso a vontade de seu pae. E d'este fim do 2.º acto até ao 5.º, tirando-se o 3.º e o 4.º que são méramente episodios ao facto principal, vai uma distancia muito pequena e em justa proporção, quando em Miguel de Vasconcellos, do fim d'este seu acto 1.º que examinâmos, até ao fim do 5.º acto, vai uma distancia immensa, que não é possivel acompanhar, nem com attenção, nem com a censura. Prova isto uma falta de uso de bons ou de maus dramas, no theatro ou na leitura; prova a falta de tacto, de dicernimento, de gôsto, de consideração; e o que é mais essencial, é o seguinte. Ainda que o cazamento de Vasconcellos se interrompa n'aquelle momento com a entrada de D. Affonso, comtudo Vasconcellos continúa no podêr absoluto, e é senhor de fazer o que quizer, e quando o quizer; e o publicar alli D. Affonso que Vasconcellos foi o assassino de Alvaro de Castro, primeiro marido de D. Leonor, ainda que ella e seu pae so agora o saibam passados tantos annos, o que não é muito possível, não deve ser uma razão sufficiente para que o cazamento se não effectue pela prepotencia de Vasconcellos, ou n'este ou no seguinte acto, porque não ha embaraço, que se opponha: quando nos Renegados fica o embaraço, ao parecer de todos invencivel, de Alvaro Fernandes ser judeu, ser Samuel, e ser d'alli conduzido ao Santo-Officio, do qual não havia redempção, parecendo por tanto que Isabel póde cazar com quem quizer, á sua vontade.

Não é o mesmo com D. Leonor, porque Vasconcellos não muda de situação, fica nas mesmas circumstancias em que se achava, póde cazar quando quizer, o pae e a filha estão promptos e convencidos, acaba-se este drama, e a restauração de 1640 fica para outro drama, ou para uma occasião mais opportuna.

and the second s

entreal of determined established in the continue of a required process out that make

Lisboa, 15 de Agosto de 1842.

Francisco de Sousa Loureiro.

EMILIO DA POLONIA, OU A VIÉTUDE EXALTADA NA PERSEGUIÇÃO DRAMA EM TRES ACTOS.

PARECER.

Ji o drama original em tres actos em proza, que tem por titulo — EMI-

LIO DA POLONIA OU A VIRTUDE EXALTADA NA PERSEGUIÇÃO.

O auctor d'este drama, não querendo fixar o logar da scena, declara pelo nome patronimico, que dá ao protagonista de — Emilio da Polonia — ou — Emilio Polaco — que a scena é na Polonia; o que mais claramente se deprehende pelo que Vencisláu diz na 4.ª scena do 2.º acto, e pelo que se lê na 5.ª scena do 3.º; e em outros muitos logares. Porêm ésta unidade em toda a Polonia, parece-me muito ampla; o que me não pareceria se este drama fosse allegorico, e as personagens, divindades; porque n'este caso poderia ser o logar da scena todo o universo; mas nas peças d'ésta qualidade nenhum escriptor dramatico dirá: a scena é na Turquia, na Russia, em Inglaterra, mas sim n'ésta, ou naquella provincia, cidade, ou villa d'estes reinos; sem que por isto se intenda, que pertendo exigir aqui o sevéro preceito da unidade, porque tanto pugnam Dacier, Mr. Gaullicr, o abbade de Aubignac, e outros muitos.

Este poeta dramatico, pelo que vejo n'ésta composição, como que pertendeu imitar em parte a comedia das Nuvens de Aristophanes, tomando por modêlo a comedia antiga, e celebrando domestica facta; quero dizer, pondo em scena acontecimentos assoalhados, que tem tido logar entre nós, e fazendo quasi nominalmente fallar os motores d'estes mesmos, nas pessoas de Affonso, Eustaquio, Vencisláu, Manoel, etc., todos personagens Polacas. Vejâmos agora

como o poeta urdiu o seu drama.

O doctor Emilio, protagonista d'ésta comedia, é deputado em côrtes na Polonia, e Jornalista, que escreve contra os maus actos do govêrno. Deputado porque o seu mesmo collega Manoel, o nomea tal na scena 12.ª do 2.º acto; e na 2.º do 3.º; Jornalista, porque o mesmo doctor Emilio diz na 8.º scena do 3.º acto: - Patenteei a toda a Polonia, por meio da imprensa, a incapacidade, e abjecção de seus ministros. - Portanto o odio em que o govêrno tem o doctor Emilio, deputado em côrtes na Polonia, por fazer mau uso da liberdade da imprensa, fallando em listas carimbadas para a eleição dos deputados, como se le na scena 12.ª do 1.º acto; a prisão do mesmo doctor originada d'estes principios, constituem a intriga d'esta comedia. Vencislau, Tenente da Guarda Municipal, incumbido da prisão de Emilio pelo ministro do reino, diz vocalmente a este, que se não podéra levar a effeito; pois que, diz elle, commandando uma escolta de cavallaria, e quarenta soldados da Municipal, e cercando a casa do doctor, se achou de repente, como por arte magica, cercado de um exercito de machos (scena 2.º do 2.º acto) e de femeas descamisadas; e que de quarenta soldados apenas escaparam dois, e o seu Tenente, que fugiu a pes de veado.

Na mesma scena 12.º do 1.º acto, acabando o doctor Emilio de soccorrer um pobre velho militar dimittido do serviço, que lhe pediu o esmolasse, diz, fallando entre si: — « Dimittir um homem honrado, carregado de filhos, com quarenta annos de bom serviço, so por se haver recusado a ser passador de listas carimbadas, cheias de nomes odiosos!... esparzido tanto sangue... expulso o tyranno, etc. » — Ora se alguem, olhando ésta peça pelo lado historico, perguntar a seu auctor, quem foi o tyranno que, depois de tantos sacrificios, os Polacos expulsaram dos seus Estados, que lhe responderá? Que foi D. Miguel de Portugal? Sé tal disser, adeus illusão! porque a scena passará rapidamente da Polonia a Portugal.

No fim do 1.º acto vem Augusto assustado dizer ao doctor Emilio, que fuja, porque tem a casa cercada de tropa; este não quer fugir, os soldados arrombam as portas, e entram armados; e estando firmes em scena o doctor Emilio, e Augusto, o panno desce. Ésta não era a occasião opportuna de fe-

char o acto, sem peccar contra os preceitos dramaticos.

O ar chusador, e de escárneo, ou como diz o mesmo auctor da comedia — ar satyrico — com que na scena 2.ª do 2.º acto o Tenente Vencislau salla ao ministro do reino, informando-o de todo o succedido ácerca da prisão, não realisada, do doctor Emilio, não cabe nos limites do verosimil. Vencislau, Tenente da Municipal, é creatura do ministro, e como habil, escolhido para diligencias de ponderação. Na scena antecedente o mesmo ministro diz — que, « ainda ha pouco o arrancára da obscuridão, promovendo-o de Furriel a Alseres, e de Alseres a Tenente entre tres dias, preterindo officiaes com muitos annos de serviço, e longos padecimentos pela liberdade. » — O ministro tem ainda o podêr na mão, e como a sorte de Vencisláu esteja ligada á do ministro, parece-me, que na hora extrema do paroxismo, que é sempre terrivel, se não quereria arriscar (visto ser homem para tudo, e sem vergonha) a passar á terceira secção, por assim convir ao serviço.

Na 4.ª scena do mesmo acto, quando é de presumir que o ministro estará altamente indignado pelo que acaba de ouvir ao Tenente da Municipal, mal-lograda a diligencia de que fôra incumbido, entra Eustaquio, chefe dos espiões, e o ministro lhe diz: — « Que temos de novo, senhor espião-mór? » — Se isto é dito por facecia, parece-me que, descendo de si, não é ésta a occasião mais opportuna para galantear. Se por desesperação, não vejo precedentes, que o obriguem a haver-se assim contra uma notabilidade de quem deve precisar tanto nas actuaes circumstancias. N'ésta mesma scena chama Vencis-lau a Eustaquio, sem que seja provocado — « chefe de ladrões » — e o ministro

ouve, e cala-se.

O dialogo entre os dois ministros da coroa, sobre objectos transcendentes, na presença do Espião, e do Tenente, sem que mandem retirar estes, não é verosimil.

Na scena 8.º do mesmo acto, estando fechados no gabinete os dois ministros, do reino, e justiça, em ponderosa conferencia, entra, sem ao menos haver precedido annúncio, Leopoldina, filha do doctor Emilio, fechada em uma cadeirinha, escoltada por soldados da Municipal, e um Sargento. Este entrega uma chave ao ministro do reino, e o seu collega, ministro da justiça,

presenceando ésta scena de rapto, despede-se amigavelmente, sem que mostre o mais pequeno signal de admiração, limitando-se a dizer: — « adeus collega, até ás oito horas, que ha de haver conselho d'Estado » — adeus, lhe diz o Ministro do Reino, e abrindo depois com a chave a cadeirinha, dá o braço a Leopoldina, e principia a dizer-lhe requebros amorosos. Todo este logar, humanamente incrivel, é revoltante, e ridiculo.

Na scena immediata, estando o ministro galanteando a sua bella, entra um lacaio no gabinete, e diz — que o deputado Manoel pertende fallar a S. Ex. a — O ministro assustado ordena logo que entre, e diz a Leopoldina que

se esconda em um quarto lateral, e ésta, sem hesitar, esconde-se.

Na scena 1.ª do último acto, entra Violante, criada de Constança; paga a um galego (moço de frete na Polonia) e despede-o; depois voltando-se para sua ama, conta-lhe, que, acompanhando os galegos, que carregaram com a livraria do doctor Emilio até á casa de um livreiro, a fim de fazer venda d'ella, segundo lhe fôra ordenado; principiára este a examinar os livros; e que n'este entrementes, entrára um Senhor, que lhe não era desconhecido. mas que se não lembrava donde o conhece, e que, lançando mão de um livro, lhe perguntara de quem era a livraria; que ella o não quizera dizer, mas reperguntando se conhecia o doctor Emilio, lhe respondèra, que era sua criada; e que, dando-lhe ésta resposta, o tal Senhor principiára a chorar, que nem um menino, quando lhe tiram os bonitos; (pagina 23) e que, voltando-se para o livreiro lhe pedíra, que o deixasse comprar os livros, que o indemnisaria dos interesses, que poderia tirar comprando-os; e que acceitasse seis notas de dez moedas cada uma, do Banco da Polonia. Que o livreiro se recusára e acceitalas, dizendo que desejava offertar ao doctor Emilio toda a sua fortuna, e vida se lhe fossem necessarias, e que, depois de se debulharem em lagrimas, tanto elle, como o deputado Manoel, lhe perguntára, este último, quanto mandavam pedir pelos livros, e que mal ouvira nomear a quantia de oitocentos mil réis lhe dissera: - tome, aqui tem essa conta. leve-a á Senhora Constança; e que lhe passára ás mãos quatorze contos de réis em notas do Banco, moeda corrente da Polonia! - Não lembraria ao auctor d'este drama, que não é verosimil, por mais rico que um homem seja, trazer tanto dinheiro comsigo, para se anticipar em declarar o acaso porque se achava n'aquella occasião tam adinheirado?

Na scena 3.ª d'este mesmo acto ha outro rasgo de generosidade, que escurece tudo o que ha de grande, e vem este a ser: Augusto, amanuense do doctor Emilio, vai por mandado de Constança vender as joias d'ésta, para valer a seu esposo, que se acha prêso. Chega á loja d'um ourives, chamado Clamopin, pergunta-lhe se as quer comprar, responde este que sim, mas que se fazia preciso dizer-lhe de quem eram. Augusto nega-se a dizer o nome do dono, e, tido assim por suspeito, chama Clamopin uma patrulha, que passava, ordenando-lhe que prendesse Augusto, porque era um ladrão. A este sussurro, e borborinho ajuntam-se os ourives do arruamento (pagina 26) e, d'entre elles, grita um, dizendo: — Este homem é o escrevente do doctor Emilio — ouvida ésta declaração, diz Clamopin: — Podem retirar-se, Senhores Municipaes; respeito na pessoa do criado as virtudes do amo; e os Municipaes, obedientes á

voz do ourives, retiram-se. Depois vai direito à gaveta onde tinha o dinheiro, e diz a Augusto: — Apare la o seu chapeu — e despeja a gaveta dentro. Todos os mais ourives do arruamento, que o rodeavam, o queriam, o qual primeiro, levar ás suas lojas; de sorte que, fluctuando assim Augusto aos empuxões, se viu constrangido a pedir-lhes pelo amor de Deus, que o deixassem, porque não queria mais dinheiro, etc. Se isto tem feições de verdade, ou póde passar por verosimil (*) confesso que não se me daria ser Polaco. Todo o arruamento dos ourives da Polonia a dar dinheiro ás mãos cheias! Eu tinha d'antes para mim, que todos os ourives do mundo (com mui raras excepções) levados por um nobre impulso de sentimentalismo, com o coração nas mãos, e as lagrimas nos olhos, compadecidos da triste situação de um desgraçado illustre, não seriam capazes de dar mais de quatro em valor, por aquellas joias que valessem, pelo menos, oito. Mas á vista d'este exemplo dos ourives Polacos, devo confessar o meu êrro.

Acabando este drama por uma revolução, o ministro do reino foge, dirigindo-se a casa do doctor Emilio, pede a Augusto que o salve, porque o querem matar; este assim o promette, e o manda esconder debaixo de uma mesa. Escondido assim o ministro, diz o doctor Emilio com ufania: — « Estou ja pago com usura dos males, que me hão feito soffrer. » — Ésta fraze é baixa,

e não me parece digna de ser proferida por um homem sisudo.

Pelo que respeita ao jogo da scena n'este drama, para me não tornar mais aborrecido, mencionarei so uma circumstancia, que me parece notavel. Elisa, filha do doctor Emilio, ama o deputado Manoel; e este amor prende a sua raiz em ter ouvido no palacio das côrtes a grande eloquencia, com que elle deputado se explanára em certa occasião. O deputado tambem a ama, e escreve-lhe uma carta, em que lhe declara os desejos, que tem de ser seu esposo O doctor Emilio sabe d'estes amores da filha, e até lhe pergunta se este cazamento é de seu gôsto, a que ella responde, que fará tudo o que fôr da vontade de seu pae. Ora entabolados assim estes amores, parece que o poeta não deveria perder a occasião de dar o maior interesse a este drama pelos meios dos affectos, do sentimento, e da expressão; porque os amores no seu começo, e progresso podem produzir scenas maravithosas; e são por isto o instrumento de que amiudadamente se serve tanto o poeta tragico, como comico. Porêm não o quiz intender assim; porque se não lê em toda a comedia, não digo um dialogo, mas uma declaração, uma fineza, um so dito amoroso entre os dois amantes; e, havendo para este fim toda a opportunidade, a ponto do deputado Manoel visitar o doctor Emilio, dormem estes amores romanticos no silencio de uma sympathia muda. Outro tanto não acontece a Augusto, amanuense, e Violante, lacaia (personagens subalternas) pois que estes fallam largamente dos seus amores, de nenhum interesse para o drama, tanto na scena 1.ª do 1.º acto, como na 5.ª do 3.º

Emfim fora mal-logrado tempo todo quanto se dispendesse em fazer uma miuda analyse a ésta comedia, que foi commettida á minha debil censura;

^(*) Ficta voluptatis causa, sint proxima veris;
Nec, quodeumque volet, poscat sibi fabula credi.

Horat. d'A. P.

mas como me persuado que é do dever de todo o censor, dar as razões convincentes (*) de ser mau, ou bom, este ou aquelle logar da composição, que se lhe apresenta; por isso me dei ao trabalho de notar algumas faltas, que talvez não sejam taes, n'este drama; tirando so para mim em resultado não me parecer digno de ser admittido ás provas públicas.

Twin you reseate to joco the using releadment, para me the teart

Lisboa, 23 de Agosto de 1842.

inguitar de sontinuos distributos en congres una même,

D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

- no mall of the collection (contributes the parent about parent) at the first property

⁽a) Pour s'eriger en critique il faut être un Quintilien, un Rollin; il ne faut pas avoir l'insolence de dire — cela est bou, ceci est mauvais — sans porter de preuves convaincantes.

O CEGO DA FONTE DE SANTA CATHARINA - DRAHA ORIGINAL EM CINCO ACTOS.

1.º PARECER.

Examinei o drama original intitulado — o cego da fonte de santa ca-THARINA — e intendo que não ha n'ésta composição dramatica coisa alguma, que va directamente de encontro á moral religiosa e civil.

No que respeita porêm ao estylo e á linguagem, julgo que estão longe de podêr servir de modêlo— e até me parece que algumas vezes se empregam expressões menos proprias, e frazes um pouco rasteiras.

Sirvam de prova as seguintes passagens:

« Que quereis dizer com isso? (diz Fidely) — Eu ca me intendo (res« ponde Eustaquio. »)

« Agora vais saber meu filho (diz mais adiante Eustaquio) o crime que ja « citei como offensivo ás leis e ao mesmo tempo á natureza. »

E em outro logar « Meu filho não temos tempo a perder, péga n'essa « trouxa, eu levo ésta, e partâmos etc. etc. » Poderiam citar-se muitos exemplos d'este jaez.

Em quanto ao merito artistico e litterario da peça, sendo tirada de um romance conhecido, tambem me não parece que va alem da mediocridade. A acção não provoca grande interesse, e apenas o desenlace excita uma certa curiosidade e satisfação. O dialogo é pouco animado, e talvez insulso e pesado. Os characteres não são sempre naturaes e verdadeiros. O character de Eustaquio, que se pertendeu figurar com feições nobres e generosas, desmente-se quando exproba ao Marquez, pae presumptivo de Fidely, um crime menos horroroso do que aquelle que elle havia commettido — o crime de haver comprado o filho de um estranho para o substituir ao proprio filho, que acabava de fallecer, a fim de se apropriar uma grande herança. Esta acção criminosa do Marquez não podia ser-lhe exprobada por Eustaquio, que havia sido o vendedor do seu filho, nascido de uma mulher querida ao seu coração; e fructo de um amor apaixonado e correspondido.

O Barão de Salavas é alcunhado de um grande criminoso, mas não se relatam nem apresentam os criminosos actos de sua vida. Não é pois um d'esses malvados que espantam pelo arrojo denodado de seus crimes — é um character abjecto e ignobil, que não póde inspirar outro sentimento, que não seja o do desprêso.

O Arcebispo não apresenta nem os costumes, nem a linguagem nem a dignidade do seu estado.

Eis-aqui pois os principaes defeitos do drama em que todavia apparecem algumas bellezas, e particularmente no desenho dos characteres da Marqueza, boa e extremosa mãe, e de Fidely, filho modesto e obediente.

Em vista do ponderado, julgo, que feitas algumas correcções na linguagem e nos characteres, poderá ser exposto ás provas públicas o drama intitulado — o cego da fonte de santa catharina.

Lisboa, 29 de Setembro de 1842.

J. M. Grande.

Tom. II.

O CHÉO DA PONTE DE SANTA CATRAMINA 2.º PARECER.

A Secção de Litteratura tendo examinado o drama que tem por titulo — O CEGO DA FONTE DE SANTA CATHARINA — julga dever dispensar-se da exposição da sua contextura e desenvolvimento da acção, por ser bem conhecido o romance do mesmo titulo d'onde elle soi rasteiramente imitado.

« A acção não tem maior interêsse dramatico, e o seu desenlace é com-« mum. O dialogo, como muito bem disse o seu digno censor, o Sr. José Maria « Grande, é pouco animado e talvez insulso e pesado. Os characteres não são « sempre naturaes e verdadeiros : o de Eustaquio que se pretendeu figurar com « feições nobres e generosas desmente-se consideravelmente quando exprobra ao « Marquez, pae presumptivo de Fidely, um crime muito menos horroroso do « que outro por elle proprio commettido — o crime de haver comprado o filho « d'um extranho para o substituir ao proprio filho que acabava de fallecer, a « fim de se apossar d'uma grande herança. Esta criminosa acção do Marquez « não podia ser-lhe exprobrada por Eustaquio que fôra o vendedor do seu filho, « fructo d'um amor apaixonado e correspondido!

ob al « O Barão de Salavas é apresentado como um grande criminoso, mas não « se relatam nem se vêem practicar os seus crimes : é um character abjecto « que não póde inspirar outro sentimento que não seja o do desprêso. A sobah

o o « O Arcebispo não apresenta nem os costumes, nem a linguagem, nem « a dignidade do seu estado. » en notas organos os os os estados estad

A vista pois do que fica ponderado, a Secção julga-se dispensada de quaesquer outras considerações e analyses da linguagem e mais partes do drama, para justificar a sua convicção, quando em consciencia assenta que o --- CEGO DA FONTE DE SANTA CATHARINA -- não tem merito bastante para ser admittido ás provas públicas. A classica acomo acomo que esta de la como de l

Sala da Secção de Litteratura, em 12 de Novembro de 1842. dictor do seu elles, macido de uma prolluir querida so seu coreção; c' fructo

O Bação de Salaças é Elemebudo de um giorde criminoso, mas mão se

O Arrobispa min apresente nom os costumes, nent o linguageau nem a

viewe inches o renebil, que uno pode intoiror outro sentimento, quo no seja

O Secretario di angli de de anti 35

-29 b and stone of all a Martin and Antonio Joaquim da Silva Abranches. 10 miles 193 · ses inchedes que espantam pelo urrojo dendebto de seus crimis — É um cha-

Eisseign pais os principaes demente os drama em que todavio appar cenalgumas luclieras, e particulurmente no desenho dos elluracteres da Marqueza, has a extremes mee, c.de Fidely, lillo modesto e obediente.

Las vista do ponderado, migo, que feitas algumas correcções all linguaous a non characteres, pedera ser exposto às provàs públicas o drema-initia-

halo - como na foste de sata altuaria.

O CASTELLO DE FARIA - DRAHA EN CINCO ACTOS.

Secção de Litteratura adoudado o latorio do seu illustrado director sobre o drama intitulado — o casasta o mais — julga que não havera in-

Examinei, como censor, o drama — CASTELLO DE FARIA — que ao Conservatorio Real viera concorrente nos prémios, providentemente estabelecidos, para as composições dramaticas portuguezas; e é meu parecer que deve para

logo ser mandado ás provas públicas. I mo va talista III. la etro (2004) al la ela?

Ha n'elle clara manisestação e abonos de um talento inventivo, que animado, como convem, poderá, quando mais amestrado da experiencia, vir a tornar-se mui distincto. Ha assaz de philosophia no desenho dos principaes characteres; postoque nas cores de estylo, com que são pintados, examinadas bem de perto, se possam notar algumas desigualdades ou manchas, que revelam a mão, nascida sim para este genero de lavor, mas por ora noviça e não costumada. Ha sobre tudo rectidão na intenção moral, visivel e constantemente patenteada; merito por si grande, e grandissimo, pela raridade. Se se tratára da publicação pela estampa algumas emendações, não poucas nem pequenas se poderam e deveram requerer, que o bom juizo do auctor não deixaria de acceitar; e feitas as quaes a sua obra poderia collocar-se honradamente porcentre as melhores dramaticas da nossa lingua; mas, para o fim da representação, superfluidade fora o exigi-las; porque os Julios Janins das nossas platéas são, em geral, de bom contento no tocante ao litterario propriamente dito - e demasiadas vezes tambem no que respeita aos pontos maximos do senso commum e dos bons costumes.p de privip a sante a mos estrablista a ratoure o abir-

Declarando o seu voto em favor d'ésta peça, não pretende o ceusor predizer qual será, nas provas públicas, a sua fortuna. As platées de cidades, como ésta, são confusas massas de tam diversos e fortuitos elementos, que não ha estudo nem analyse que baste para as dar a conhecer. Se o amor da patria, e o brio portuguez, se o sentimento do dever e da moralidade fossem mais geraes e constantes, o — CASTELLO DE FARIA — pelo heroico feito, que recorda no que tem de historico, pelas excellentes licções que dá no que abrange de ficticio, sería infallivelmente gostado, festejado e applaudido: mas depois dos applausos dados ás immundas devassidões do Richelieu, e aos disparates do Dominó, ao Decameron em acção, e á musica em paródia quem ousará prophetisar como certa a acceitação a um pobre poema que não canta, e sobre tudo que é honesto?

O Conservatorio fará o seu dever lançando do estaleiro ao mar o navio que está bem construido: se o temporal depois o alagar, e o mar o comer,

não será isso culpa, nem por tanto vergonha sua.

Lisboa, 29 de Outubro de 1842.

Antonio Feliciano de Castilho.

2.º PARECER.

A Secção de Litteratura adoptando o relatorio do seu illustrado director sobre o drama intitulado — o CASTELLO DE FARIA — julga que não haverá inconveniente em restringir ainda mais a conclusão do mesmo relatorio, deliberando-se que o referido drama so seja submettido ás provas públicas depois de correctas e amaciadas, quanto possivel, essas desigualdades de estylo que o mesmo erudito censor reconhece necessitarem ainda de lima e aperfeiçoamento.

Sala da Secção de Litteratura, em 12 de Novembro de 1842.

the un telephy meeting, que om-

a my diaminage at the charlenges and O Secretario

Antonio Joaquim da Silva Abranches.

offen a potrom and tout estate tuve 3.º PARECER. to long the abloson to the mel

O Conselho do Conservatorio Real sem ajuizar do merito do drama o — CASTELLO DE FARIA — so por informações demasiado genericas não póde todavia deixar de annuir ao voto do seu erudito censor, nem de se conformar com o arbitrio cauteloso proposto pela Secção de Litteratura para que o dito drama soffra os convenientes retoques, antes de ser exposto ás provas públicas.

E para que esse arbitrio tenha logar com vantagem do auctor, crédito d'ésta nossa Academia — e augmento da litteratura dramatica, é o mesmo Conselho de opinião que, seguindo-se a práctica usada n'este Instituto, se convide o auctor a intender-se com a mesa e ouvir d'ella quaes são os melhoramentos que a censura lhe recommenda na sua obra, feitos os quaes, seja admittida ás provas públicas.

Sala do Conselho do Conservatorio Real, aos 17 de Dezembro de 1842.

mais gerace e apestantes, o - evergina de tanta - pelo lectoico deilo, que

por tine annieuses dados as immundas devassidões do Bicheliqu, e nos disputates do Domine, so Euranevon em aceso, e a mosica-em parodia quem oceata prophetisar como certa a acceitação a um pobie poemo que trib canto, et so-

(? (louservatorio fara o seu dever terriardo do estaleiro no mur o mavio me osta bem construido: se o temperat ucuos o blagar, e o spar o comer,

ha estuda nem analyse que basie mara as clacas conhecer. So o samor da patra, ce as brio portuga oiraterese Osamunto do dever e da maralidado lossem

Agistida sup on all surressonal estgolles. F. A. de Varnhagem. ed sup our chroses.

Antonio Ellienara de Custillia

D. MARIA TELLES - DRAHA EM CINCO ACTOS. MARIA INMINISTRATION

tartes como ville resolven b sen problema dramatica relativa

catomarant Os inflating do Pripales

PARECER.

beford eine ben tollen gelb b eine gemeinefare A Secção de Litteratura encarregada por vós de dar um parecer que sirva de texto á discussão dos meritos ou demeritos do drama — D. MARIA TELLES - que concorreu aos premios, offerecidos por este Conservatorio para animar os nossos auctores dramaticos; vem apresentar-vos por minha intervenção as reflexões que lhe occorrem sobre a materia, e que rectificadas e ampliadas pelas dos outros membros d'esta Academia, devem produzir a final um juizo prudente e acertado que sirva não so para em especial determinar o valor litterario d'esta composição, mas para illustrar os noveis que commettem tam

difficil genero de litteratura.

D. MARIA TELLES — é um drama historico — historico ao menos na intenção de seu auctor. — A acção e a epoca escolhida pelo poeta, é bem conhecida. A historia da formosa irma da nossa Lucrecia Borgia — de D. Leonor Telles - é uma d'aquellas biographias que encerram um so facto; mas que por esse facto são perpetuamente celebres. Não ha ninguem que ignore com que arte infernal a adultera D. Leonor sabía obter sempre a satisfação das suas paixões: entre éstas houve uma que era pura, o unico pensamento sancto e suave que mora no coração d'essas hyenas com gesto humano chamadas Telles ou Borgias, as quaes felizmente raro apparecem no mundo. Este affecto era o amor materno. Devia ser vivo e profundo, se o avaliarmos pelos crimes que D. Leonor commetteu para segurar na cabeça de sua filha D. Beatriz a coroa de D. Fernando, que se cria seu pae e que talvez o sería. O Infante D. João era um obstaculo que podia oppor-se aos intentos d'aquella mulher diabolica. Como livrar-se d'elle? - Convertendo-o em um grande criminoso. Foi então que para o perder lhe soprou na alma as duas paixões mais ferozes do coração humano — a ambição e o ciume — e D. Maria Telles foi assassinada pelo marido porque D. Leonor precisava do seu cadaver para calçar a estrada por onde D. Beatriz devia subir ao throno. É este assassinio o desfeixo a que nos conduz o drama: os acontecimentos que o prepararam são a tela onde se desprega o lavor da imaginação do poeta.

Os characteres introduzidos n'este drama são o de D. Maria Telles; o do Infante D. João; o de D. Lopo Dias de Sousa, filho de D. Maria e de seu primeiro marido; o de Garcia Affonso, Commendador d'Elvas; o de João Lourenço da Cunha, marido de D. Leonor Telles; o de D. Fernando 1.°; o de D. Leonor; o de Vasco, pagem de D. Leonor, e o de Fr. Soeiro, Director espiritual, segundo parece, de D. Maria Telles. Um carcereiro, Damas, Cavalleiros, povo, constituem isso a que se chama cheios, comparsas, ou perso-

nagens mudos.

Não se póde na verdade negar ao auctor d'ésta composição uma grande ouzadia litteraria em ajuntar no seu quadro tantos vultos difficultosos de desenhar, e que por ventura seriam rebeldes aos pinceis de grandes mestres. Vejâmos como elle resolveu o seu problema dramatico relativamente aos chara-

cteres principaes.

D. Maria Telles era uma formosa viuva, de quem o Infante D. João se enamorou. Os affectos do Principe so acharam correspondencia quando prometteu cazar com ella, e o cazamento effectuou-se, porque a paixão do Infante era ardente, mas d'esse ardor um tanto brutal proprio de uma Côrte dissoluta como a de D. Fernando, e d'uma epoca em que o amor demasiadamente metaphysico nos escriptos dos trovadores, era assaz grosseiro na realidade dos costumes. As probabilidades todas são que similhante consorcio foi do lado de D. Maria Telles um cálculo d'ambição, e do lado do Infante um meio de satisfazer seus desejos. Isto é o que resulta da historia. Mas o auctor podia substituir este argumento historico pelo de um amor talvez mais lyrico, mas por ventura não mais dramatico. O que não devia era dar a esse amor a fórma e expressão que lhe deu. Expliquemo-nos. q and offendado the homes will not

D. Maria Telles não era uma donzella na primavera da vida: era uma dona entrada ja naquella edade a que se póde chamar o outono da formosura. O auctor n'esta parte acceitou o argumento da historia, introduzindo no seu drama o Mestre de Christo, mancebo de dezoito ou vinte annos, filho de Di Maria Telles. Forçosamente ésta passára por isso o viço da mocidade. O seu amor portanto devia ser intenso, mas grave: revelar-se profundamente nos factos e muitissimo pouco em discursos. Devia ser um amor que não tarda a transformar-se em amizade; que, por assim dizer, começa a ter pudor de si mesmo, porque as illusões da juventude tem quasi todas passado. Difficil é na verdade o pintár esse affecto severo e intimo; mos se ja deixou de ser um merito vencer difficuldades inuteis, ainda é restricta obrigação do poeta o conhecer as phases do coração humano, e não as desmentir jamais porque a natureza é immutavel. O auctor sentiu ao que parece consusamente a verdade d'ésta observação; quiz dár gravidade ao character de D. Maria Telles: não lhe deu senão tristeza. Tristeza tanto quando se vae desposar com o Infante como depois que elle comoça a affastar-se d'ella, e a dar-lhe não equivocos signaes de desamor. Porque está ella triste até à morte, segundo a expressão de Job. quando se approxima aos altares? E por certos presagios; é por sonhos; é por certo dizer do coração; é por vergonha que tem de seu filho. Afora a última, nenhuma d'estas razões é verdadeira, dramaticamente, e a tristeza fica inexplicavel, porque o pudor não é melancolia. Sereno devia ser o sen contententamento; mas devia ser contentamento. Não era n'essa afficção e lucto infundados que podia revellar-se a gravidade do character de D. Maria Telles, quando por outra parte todas as palavras d'esta mulher affectuosa, como o auctor a quiz pintar, so condizem com o amor dos vinte annos que se dilata impetuoso até os extremos horisontes da vida. Senão nos enganâmos o character de D. Maria Telles está falsificado em relação á historia, e o que mais é relleros, povo, constituem isso a que se chama cheio, povo, povo, constituem isso a que se constituem in a con

O character do Infante apenas se póde dizer que existe: no primeiro acto apparece para dizer a D. Maria Telles que muito a ama. Das suas palaeras não resulta individualidade; repete o que em similhante materia se diz desde o principio do mundo. No terceiro acto onde torna a apparecer, é ameaçado e affrontado por João Lourenço da Cunha, e fica impassivel, salvo quando este, provavelmente aborrecido de tanta tranquillidade, volta as injúrias e feros contra D. Leonor que está tambem presente. É então que o Infante arranca da espada; mas el-rei acode: um dialogo se trava entre este e João Lourenço. E o Infante? Não sabemos mais d'elle, senão no 5.º acto em que ja quasi persuadido de que sua mulher é infiel, encontra as provas suppostas d'essa infidelidade. Desde este momento não é mais possível o desenhar D. João; porque a furiosa cholera que o domina o torna necessariamente similhante a qualquer outro homem em situação analoga. A honra offendida pede sangue: é um pensamento doloroso moralmente necessario á situação que depois disso actua no drama, não a individualidade d'um homem. Onde está portanto o character do Infante?

te

r

u

a

šĪ

e

E todavia esse character lá tinha os seus principaes lineamentos traçados nos capitulos 98.º e 99.º da chronica de D. Fernando pelo grande poeta-chronista Fernão Lopes. O genio aventuroso, folgazão e ouzado, do filho de D. Ignez de Castro, estudados n'esses traços do grande mestre, dariam facilmente a individualidade do personagem ao auctor de — D. MARIA TELLES — e por certo que essa individualidade variando a monotonia dos characteres produziria maior constraste, e por consequencia maior effeito no terrivel desfeixo do drama.

A monotonia dos characteres dissemos nos. A monotonia na invenção é na verdade o principal defeito d'ésta composição. Ha ahi quatro ou cinco vingativos, quatro ou cinco vinganças empastadas por toda ella. Vinga-se o Infante de sua mulher, de quem também se vinga o Commendador d'Elvas, cujo amor ella desprezára. João Lourenço quer vingar-se de D. Leonor: D. Leonor de quasi toda a gente. D'ésta identidade de situações moraes forçosamente devia resultar esse capital defeito.

Os dois characteres que nos parecem individuados são o de D. Leonor e o de D. Lopo Dias. D. Leonor é a mulher successivamente hypocrita e insotente; vil e orgulhosa; pobre de crenças moraes, ricca de paixões violentas. È a D. Leonor da historia, salvo em uma ou outra scena; é o vulto principal do drama. D. Lopo é mancebo, poeta e triste como sua mãe, mas sobram-lhe para isso razões. O mesquinho está phtysico, pelo que se collige das suas palavras. Molestia é ésta que tem levado muito poeta imberbe á sepultura. Feliz ainda no meio de seus males, a afflicção pulmonar que o consome é chronica e por isso lenta, por tal arte que esperando elle morrer ja no primeiro acto, ainda no quinto, (cujos successos são posteriores mais d'um anno, aos do primeiro) D. Lopo vive, e ao cair o panno fica de saude, não perfeita; mas da saude que é compativel com a existencia de tuberculos pulmonares. Apezar de que a phtysica não pareça coisa excessivamente dramatica e possa ter algum perigo de ridiculo no theatro, é certo que essa vida cuja distancia da morte a victima póde quasi exactamente medir; esse caminhar para o sepulchro por uma estrada onde não ha retroceder, e na qual não passa hora ou momento em que a campa senão contemple erguida e immovel no horisonte; esse oratorio peior que o do sentenciado, porque dura mezes emquanto este dura apenas tres dias; tudo isso é tremendo e solemne, e o verdadeiro poeta poderá achar nas phases da longa e cruel agonia do phtysico situações dolorosas e terribilissimas. Alexandre Dumas as achou n'um dos seus melhores dramas. Seguiu-o de longe o nosso auctor, mas nem por isso deixa este character de ser um dos mais bem sustentados em — n. MARIA TELLES. — Os affectos de Lopo Dias são generosos e puros; têem certa brandura de resignação, certa saudade de quem pela esperança vive ja n'um mundo melhor, mas que ainda pela affeição filial está prêso ás tristezas da terra. Este personagem é na verdade possivel e poetico, absolutamente fallando. O seu unico defeito é o commum a todos; é o não representar a epoca a que o poeta que o creou quiz

que elle pertencesse.

Os outros characteres do drama ou são nullos, ou reflexos mais ou menos pallidos dos que ficam avaliados. Os sentimentos de vingança que subjugam D. João Lourenço da Cunha e o Commendador d'Elvas, tornam confusos os traços de um com os do outro, apezar das diligencias que o auctor fez para lhes variar as situações; confusão ésta que se augmenta com a analogia que ha entre ambos e os de D. Leonor e do Infante. Fr. Soeiro é perfeitamente nullo; e Vasco, seide de D. Leonor, é um character que não póde fixar-se por demasiadamente transitorio, posto que fortemente concebido. Se tivesse passado de um esboço sería talvez o mais dramatico de todos elles. Isabel em fim é a eterna confidente do theatro classico, cuja utilidade dramatica foi, é, e será sempre passiva; substituição impertinente do monologo; especie de titere que se deixa mover á mercê do auctor, e que por mais que falle, se estôrça ou chore, por via de regra, serve tanto para o andamento da acção co-

mo as polés em que se movem os bastidores.

Notámos acima que os personagens d'este drama não representam a epoca a que historicamente pertencem: é este depois do uniforme, e confuso dos characteres o maximo defeito d'elle. N'ésta parte accrescentaremos algumas considerações que não parecerão inteiramente inuteis para os cultores principiantes d'este genero de litteratura. A epoca dos reinados de D. Fernando e D. João I é incontestavelmente a mais dramatica da historia portugueza. São-no os factos políticos e a vida civil desse tempo; as pessoas e as coisas. A nobreza era chegada ao apogeu da sua grandeza, porque as instituições feudaes que se haviam misturado com a nossa primitiva indole social, tinham tocado então a méta do seu predominio: quando ja a sua dilatada agonia começava no resto da Europa: o povo dava signaes exteriores de que existia, e existia robusto: a monarchia esgotava a sua generosidade e os testemunhos do seu temor para com a aristocracia na vespera de dar principio ao duello de morte para que ia repta-la, e que devia durar cem annos. N'estes dois reinados operou-se uma transformação nacional: o fim do seculo XIV foi um periodo revolucionario; revolucionario não tanto para as pessoas como para as coisas; os elementos da vida social foram então chamados a uma grande lucta, e, como acontece sempre em similhantes situações, tanto os que deviam ser vencidos como os que haviam de ficar vencedores combateram energicamente. Os grandes vultos historicos d'esse tempo - os personagens extraordinarios, diriamos quasi homericos, que então surgiram - os characteres pro-Sundamente distinctos, e altamente poeticos, quer pela negrura, quer pela formosura moral; — todos nasceram da situação social do paiz: foram o resultado e o resumo d'ésta, e por ella somente se podem comprehender, avaliar e explicar. Se porêm essas imagens tam aproveitaveis para a arte, forem arrancadas do quadro em cujo chão e luz appropriados a ellas, unicamente se devem contemplar, ficarão convertidas em desenhos de morte-côr, e o que mais é, perderão os seus lineamentos characterísticos: serão abstracções; serão quando muito objectos d'estudo para a physiologia das paixões; serão representantes do genero humano em geral, mas nunca de uma geração, de uma epoca, e d'um paiz: darão materia para o drama metaphysico, para o drama como o conceberam Gæthe em Jery e Betly ou na Filha natural, e Byron no Manfredo; porêm não para o drama historico, para o drama que se incarna na realidade, para o drama que não é um poema lyrico como a Athalia ou uma amplificação brilhante como Mahomet, mas uma obra d'arte que toma por

expressão a vida humana, e que é destinada para a scena.

O titulo de drama historico dado ás composições mais notaveis n'este genero, que no seculo passado e no presente tem apparecido na Europa, como Goetz, Wallensteim, Hernani, e tantos outros, não foi uma phantazia ou capricho dos eminentes poetas que as produziram ou dos críticos que as julgaram. Este titulo corresponde a uma realidade: representa uma theoria litteraria verdadeira e nova substituida a outra velha e falsa. O theatro antigo por via de regra era uma abstracção: os seus personagens são vultos por assim dizer desenhados na atmosphera, e que se movem nos raios do sol; não pisam a terra; não choram nem folgam humanamente; não descendem como nós de Adão; não estão sugeitos senão a certas condições da vida real. O dramaturgo antigo creava o character de um tyranno, chamava-lhe Nero; de um voluptario, chamava-lhe Sardanapalo; de uma incestuosa chamava-lhe Phedra; de um hypocrita feroz, chamava-lhe Mahomet. Podia chamar-lhes outra qualquer coisa; buscar na historia ou fóra d'ella outros quaesquer nomes. Constet sibi: eis o que exigia d'esses characteres a philosophia da arte. Satisfeita ésta condição bem pouco importava se o personagem era romano, syro, grego, ou arabe. Constet sibi. — Pouco importava se as suas dimensoes eram humanas. Constet sibi. Pouco importava quaes haviam sido as crenças, as condições da vida civil, os vários aspectos emfim da sociedade e da epoca em que o individuo que se arrastava para o theatro tinha vivido, e que forçosamente diviam modificar-lhe de certo ou certo modo as paixões ou os affectos, o pensar íntimo ou o porte exterior. Constet sibi: era o que lhe pedia a arte antiga. E na verdade não era pedir muito. A arte moderna que os ingenuos e innocentes defensores do passado accusam de licenciosa põe apenas mil vezes mais duras condições aos seus sacerdotes; porque alem da constancia dos characteres dramaticos, exige n'estes circumstancias, que so o muito estudo e um ingenho profundamente synthetico pode fazer que se liguem as obras filhas da imaginação do poeta.

Se tam leves de soffrer foram outr'ora as condições dramaticas quanto aos characteres, escusado parece dizer que foram nullas quanto á phisiologia íntima do drama. Malbaratou-se toda a esthetica dos antigos nas fórmas materiaes e externas d'elle, na anatomia dos ossos e cartilagens. Os escriptores licenciosos do seculo presente sentiram não tanto que ésta anatomia era erro-

Tom. II.

nea, apezar de o ser muito, quanto sentiram que era incompletissima. Posto o principio incontestavel de que o drama não é mais do que a arte vasada no molde da vida social, tiraram o corollario forçoso de que era preciso primeiro que tudo estudar ésta, e exclusivamente ésta. A arte não se estuda; porque a arte é o ideal, e o ideal vem de Deus; é uma inspiração: o que se estuda são as formulas materiaes em que ella se revela, os typos em que se resume; para que estes possam ser clarós e definidos como meios de communicação entre o poeta e o mundo. No drama a historia é a expressão da arte, é a voz articulada do homem inspirado. Elle deve por isso saber profundamente a historia da epoca e do povo que vae alevantar do sepulchro, para servir d'interprete entre elle e as gerações que hão de escutar as suas revelações de poeta.

Se os antigos podessem ter adivinhado e seguido ésta licenciosa theoria, os seus estudos não houveram sido apezar d'isso nem largos nem custosos. A historia era falsa como a arte. Reduzia-se a biographias soltas e incompletas: era tambem um aggregado d'abstracções: resumia-se nos factos políticos. A vida social passava desconhecida: o povo desapparecia nas sombras gigantes que derramavam em volta de si os homens eminentes. Ao passo, porêm, que a arte se reconstruia, reconstruia-se a historia. Ao lado de Gœthe e Schiller apparecia Herder e Muleer; ao lado d'Hugo, Guizot e Thierry. Ambas as refórmas se viram e vêem obrigadas a refutar o passado com as razões e com o exemplo. Mas o poeta é constrangido a encerrar-se na epoca e no paiz cuja historia se acha escripta por um systema racional, ou a ser ao mesmo tempo historiador e poeta, tarefa difficil debaixo da qual poucos hombros deixarão de vergar; mas que é indispensavel leve a cabo aquelle que quizer incarnar a sua obra dramatica na historia do passado, sob pena de cair no convencional e incompleto do antigo theatro, porque não basta sacudir o jugo dos preceitos puerís das poeticas para escrever o drama historico: importa redigir-lhe a formula, e esta não está em achar quatro datas, e seis nomes illustres, mas na resurreição completa du epoca escolhida para n'ella se delinear a concepção dramatica. Primeiro que tudo, importa que essa epoca se alevante, como Lazaro á voz de Jesus, cheia de vigor e de vida.

È de lamentar que os nossos mancebos, esperanças da litteratura patria, prefiram ordinariamente as epocas historicas que passaram para n'ellas traduzirem ao mundo os fructos do seu ingenho dramatico, tendo alias para isso a vida presente que tambem é sociedade e historia. Não sería melhor que estudassem o mundo que os rodea, e que vestissem os filhos da sua imaginação com os trages da actualidade? Não lhes era mais facil, mais agradavel até, este estudo feito no meio dos banquetes, dos bailes, das conversações, do ruido, do presente, no qual os leva irresistivelmente a lançarem-se a superabundancia de vida, o fogo da mocidade? Muito se enganam elles, crendo que acham a historia em alguns pobres livros historicos que por ahi existem. Não: a historia não está lá! Não, vós não achastes a formula material para a vossa idealidade: o vosso drama é a visão infernal mas ridicula de Perrault; é a sombra do cocheiro que alimpava a sombra de uma carruagem com a sombra de uma escova. Na vossa obra não ha drama porque na sua fórma externa não ha realidade, e a expressão é o real. Para achar este cumpre ter o estomago

e os braços robustos, os orgãos do olfacto endurecidos, a paciencia de ferro, porque é preciso revolver a grande lagem que cobre o cadaver do passado; é preciso aspirar o po do sepulchro, deslizar prega por prega o sudario apodrecido das gerações extinctas: é preciso contemplar as formosuras das sociedades que se transformaram ou pereceram, mas tambem palpar os cancros que as devoraram: é preciso contemplar os seus monumentos sublimes de marmore; mas tambem ler lentamente os quasi apagados e barbaros characteres dos seus pergaminhos, e as obscuras tediosas e incertas sentenças da sua legislação; é preciso viver com os grandes d'out'ora em seus paços esplendidos, mas assistir tambem ás miserias e agonias dos peões, cuja desventura faria hoje recuar de horror o maior malaventurado. Tudo isto é necessario, sem contar o grande e fatal risco de perderdes n'este rude trabalho o que vale mais do que elle a imaginação e a poesia. Deixae que outros a quem alguma vocação fatal leva para este genero d'estudo, o mais tedioso talvez de todos, vos reconstruam os tempos que se dissolveram em pedaços. Então podereis livremente escolher a urdidura da vosssa têa, e borda-la com os riccos matizes das vossas inspirações, a cardo e nada resisto anno 104 e 1000 101

Que resulta de se escolherem para objectos de composições dramaticas successos e individuos pertencentes a uma geração e a uma sociedade cuja indole e modo de existir se ignora? Resulta cair-se no vicio do theatro antigo; fazer abstracções, e desmentir a verdadeira arte. É o que succede em — p. MARIA TELLES. — Ponham-se ahi em vez d'esses nomes tam conhecidos do fim do decimo quarto seculo, signaes algebricos: cortem-se todas as allusões aos acontecimentos políticos ou pessoas notaveis d'então, e o drama pertencerá á epoca e ao paiz que nos approuver. E porque? Porque falta ahi a individualidade portugueza d'então; faltam o crer, os costumes, as relações sociaes d'essas eras. E sendo isto assim poder-se-ha dar a — p. MARIA TELLES — o titulo de um drama historico, que evidentemente quiz seu auctor se lhe désse?

Julgámos ser nossa obrigação dilatar-mo-nos n'estas considerações sobreduas partes importantissimas de qualquer drama — os characteres, e a côr e verdade historica e local, porque é preciso confessar que depois da restauração do nosso theatro, é sobre estes dois pontos que a crítica litteraria attenta em demasia a averiguações, sobre a correcção de lingua, tem sido assaz negligente e escaça. Resta agora examinarmos com a brevidade possivel a disposição ou enredo do drama, a propriedade do seu estylo, e a pureza da sua linguagem. A traça do drama é a seguinte.

Primeiro acto. — O Infante D. João está a ponto de desposar-se com D. Maria Telles. Ésta o espera no castello de Barcellos, onde a ceremonia do cazamento deve celebrar-se a occultas, e alta noite, a despeito dos sagrados canones. A boa dona possuida de uma tristeza inexplicavel está acompanhada da sua confidente e ora na capella, onde se vê o tumulo de seu primeiro marido. Por Isabel manda chamar Fr. Soeiro para que venha anima-la e consola-la, e fica sozinha. Chega seu filho D. Lopo Dias, D. Maria Telles lhe escondèra o negocio do cazamento, mas elle o aventára não sabemos como, nem o auctor o diz. Queixas do filho porque fica desamparado: razão tinha, attento o seu estado de phtysico. Promessas da mãe, de que toda a familia ficará junta, por-

que elle Lopo Dias e o Infante são os seus unicos amigos. Ainda tendes outro, lhe brada um cavalleiro de armadura negra e viseira callada que apparece á porta da capella. Dizendo e fazendo, ei-lo que entra. D. Lopo pergunta-lhe quem é: resposta: sou um defensor de vossa mãe. D. Lopo diz que lhe fica muito obrigado mas que ella não precisa de desensores. Insiste o desconhecido porque D. Leonor ha de persegui-la. Isso é a mim que toca: — acode D. Lopo. Com bom fundamento o affirmava, e por isso o cavalleiro não acertando a replicar-lhe, vae-se ao tropheu d'armas que está sobre o tumulo de Alvaro Dias, pega na espada do defuncto e entrega-a ao mancebo recommendando-lhe que se mostre digno d'ella. A tam bom conselho não havia fazer reparos. D. Lopo promette dar-lhe o devido uso. Então o cavalleiro sae, não sem offerecer a D. Lopo o seu braço e espada para qualquer lanço apertado; ja se sabe sem dizer quem é ou onde mora. Ido o cavalleiro, D. Maria pergunta ao filho quem sería aquelle homem, era melhor ter-lho perguutado a elle. Se o conhecesse como as suas mãos D. Lopo não responderia mais confiado: È um homem que vos ama, e que vigia sobre vos. Não diz isto porque o conheça: mas porque o sabe ab alto, a proprosito do que vem uma dissertação sobre o dom d'advinhar que tem os phtysicos. Saindo Lopo, volta Isabel com Fr. Soeiro: scena inutil. — Chega então o Infante, acompanhado do Commendador d'Elvas: colloquios amorosos. O Commendador Garcia Affonso nas visagens que faz, nos á partes que murmura mostra a raiva que lhe accende na alma o affecto dos dois conjuges, que finalisam o acto ajoelhando junto ao altar provavelmente para receberem a benção matrimonial de Fr. Soeiro.

Este acto, afora a inutilidade da scena 6.º, involve grave falta de probabilidade. Como pôde um cavalleiro desconhecido entrar de viseira callada e depois da meia noite na capella de um castello do seculo XIV? Como rodou a ponte levadiça para lhe dar passagem? Que fazia o madraço do alcaide; que faziam os vigias das quadrellas, roldas e sobre roldas, que assim deixavam devassar a boa fortaleza d'el-rei de Portugal? Como entrou esse homem? Eis o que o auctor não diz, nem lhe fôra facil dizê-lo. Depois, é acaso natural que D. Maria Telles nem sequer deseje conhecer quem elle é? Homem que sosse, não descançaria sem o saber, quanto mais sendo mulher! D. Lopo indaga na verdade quem elle seja; mas contenta-se com uma resposta evasiva, e consente que o incognito lhe va buscar a espada de seu pae, e lh'a entregue com a comminação de que ha de fazer bom uso d'ella. O melhor uso que D. Lopo n'aquelle momento podia fazer d'esse ferro era por-lho aos peitos para o obrigar a erguer a viseira. Sua mãe vae celebrar um cazamento occulto, e é quasi na hora prefixa para a ceremonia que elle tolera venha um desconhecido devassar a capella, sem o obrigar a descobrir-se? A theoria de que os phtysicos adivinham será muito boa e verdadeira; mas a pathologia ainda não chegou a atinar com essa circumstancia nas affecções pulmonares, e os espectadores não poderão admittir a razão com que o auctor por bocca de D. Lopo pretende desculpar a inverosimilhança de tal procedimento, isto é, que elle ja tem o que quer que seja d'alma do outro mundo, e que por isso sabe que o desconhecido é pessoa de confiança. O antigo theatro so consentia milagres em casos apertadissimos. Nec Deus interrit nisi dignos vindice nodus. A licenciosa

eschola moderna em nenhum admitte taes meios, quer seja para conduzir o drama, quer para desfeixo d'elle. Natureza e verdade são os seus unicos ele-

Segundo acto. - Tem passado um anno. D. Maria Telles está em Coimbra com seu filho, e o Infante que ja começa a esquecer-se de sua mulher anda na côrte. D. Lopo faz versos e carpe-se: D. Maria carpe-se e ouve-lhos declamar. Mas como lagrimas e versos continuados são duas grandes canceiras, a pobre dama abandonada convida seu filho para irem espairecer suas mágoas pelas margens do Mondego. A isto acode D. Lopo, que é melhor irem ao monte visitar a caverna do solitario. - Qual solitario? Logo o sabereis. D. Maria Telles faz suas objecções: a caverna do referido solitario ou homem dos musterios tem má nomeada: ninguem se atreve a chegar perto d'ella: a isto acode o poeta, com dizer que todos esses medos são sandices do vulgo, e que la por certos barruntos que elle tem, adivinha que o solitario é pessoa de porte e de bondade. Desassombrada de seus temores D. Maria está a ponto de sair eis senão quando chega o Commendador d'Elvas com uma carta do Infante. Roto o fecho da carta com o punhal de Garcia Affonso, D. Maria le o contheudo d'ella em voz baixa. A boa da carta era fria, fria como gêlo: nem uma palavra affectuosa! Apenas lhe diz sua mercê o Infante que não póde ir a Coimbra, demorado na côrte por negocios d'alta monta. Desesperação de D. Maria que sente por isto que vae morrer. Porque? Porque D. João, marido ja de um anno, e preoccupado por graves negocios, não lhe escreve uma carta de amores, e não lhe declara que negocios são esses que lhe embargam os passos. Vêr a morte diante dos olhos; ficar desesperada por tal motivo sería loucura d'uma rapariga de vinte annos, mas em uma dona de trinta e seis é inverosimilhança inadmissivel. Se todas as mulheres cazadas de mais de um anno morressem por não serem as cartas de seus maridos ausentes adubadas de amores e requebros; a proporção das viuvas com o resto da população sería mais descomunal e espantosa do que em Inglaterra a dos que morrem de fome com os que tem que comer. Quanto ao segredo que o Infante guarda sobre os negocios que o retem, razão tinha D. Maria Telles, porque menciona-los sem os particularizar, era fazer nascer desejos vãos á insaciavel curiosidade feminina, e todavia não podiam ser materias d'estado esses negocios? - não podiam ser coisas que nada importassem a D. Maria? Para um desmaio ainda a carta teria substancia se a dama fosse uma rapariguinha; mas para agonias mortaes em uma dona sisuda, como lhe chama Fernão Lopes, não havia ahi motivo. Por uns longes que se enxergam em dois á partes do Commendador vê-se que foi elle quem armou ésta negregada invenção da carta, e que folga com o effeito d'ella. Se o auctor do drama tivesse concedido a D. Maria Telles mais uma mealha de senso commum, Garcia Affonso não teria mostrado ser na tal invenção da carta, senão um solemnissimo mentecapto, se a sua intenção era, como elle diz n'um monologo, vingar-se d'ella e do Infante.

Lida a carta, D. Maria chama o filho para irem visitar o solitario, porque so n'elle poderá achar consolações. Pois que tem o solitario (de quem ella ha um instante tremia de medo) com o desamor de D. João? O poeta, que

fôra o movedor d'ésta ida está prestes, e la vão ambos por montes e valles

em cuta do mysterioso anachorecta.

Não tardam muito a encontra-lo. É apenas o tempo necessario para a mutação da scena, cair e levantar-se o panno; não para mudança d'acto, mas de quadro. O solitario está na caverna fallando a sos comsigo. De seu dizer consta que havendo amado D. Maria Telles, e não podendo obte-la por ser ja cazada com Alvaro Dias de Sousa, cazára com sua irma D. Leonor, que o deixou para subir ao throno. E, portanto, o eremita — João Lourenço da Cunha, que lida com suas mágoas, e que depois d'invocar a morte e sonhar vinganças, o que não é a mais approvada disposição moral para esse trance tremendo, cae desfallecido sobre um rochedo. E n'este ponto que chegam Lopo Dias e sua mãe. Esta apenas entra, diz-lhe que vem trazer-lhe consolações. Impertinencia de mulher! Quem lhe disse a ella que o anachorecta de cuja caverna ninguem ousa approximar-se, entrou na vida eremitica por desventuras e não pelo arrependimento de seus peccados? Quem lhe dá a certeza de que poderá consola-lo, ella que não o conhece, e que não sabe provavelmente o que lhe ha de dizer? Dar-lhe consolações?! De que genero e de que modo? Que affirmou ella ao sair de casa? Que vinha pedir e não offerecer consolo. Disse uma coisa sem sentido, sem verdade, e agora diz outra. O solitario offende-se da offerta e com razão. Assirmando-se porêm na recem-chegada, reconhece-a, e ella reconhece-o a elle. — Explicações mutuas. João Lourenço refere então como foi elle o cavalleiro d'armas negras que lhe appareceu na capella, e explica-lhe o proceder do Infante. Este occultou na côrte o seu cazamento, e a mão da Infante D. Beatriz acaba de lhe ser offerecida. Cheia d'angustia, n'este logar, justa e bem sundada, D. Maria Telles pergunta : e acceitou-a? — Uma voz que soa na bocca da caverna responde — Acceitou! — E o Commendador d'Elvas que assoma involto n'uma capa, ja se sabe, negra. D. Maria desmaia e cae o panno.

Este desseixo do acto é natural e dramatico, e a melhor coisa de todo elle. O Commendador vendo-a sahir seguia-lhe os passos : escutou a conversação, e em seus pensamentos de vingança não consentiu que outrem désse a punhalada mortal n'essa mulher de quem queria vingar-se. Aqui o effeito dramatico vem naturalmente da situação e character dos personagens. Quanto ás

scenas anteriores parece-nos que estão abaixo de toda a crítica.

Acto 3.°—D. Leonor está so debatendo-se com os remordimentos de sua consciencia: entra o Commendador d'Elvas. Vem trazer-lhe a noticia de que fez ao Infante a proposta do cazamento com D. Beatriz, e que achando-o mau de resolver lhe déra suspeitas de que sua mulher o trahíra. D. Leonor relucta contra ésta nova calumnia: martyrisam-na os remorsos porque viu em sonhos os castigos que lhes estavam reservados no outro mundo a elle Commendador e a ella Rainha: n'esses tormentos, conforme a direito, e em vista da nossa moderna jurisprudencia dramatica, ha pontas de rochedos em braza, para arrastar o miseravel Commendador. O triplicado da punição; as pontas, os rochedos, e as brazas, atterram-no, mas finge-se resoluto. Não assim a rainha a quem os sonhos pavorosos não podem esquecer. Segue-se uma lucta moral em que os insultos refervem entre os dois. O Commendador sae amea-

çando a rainha. Apenas ésta se acha so, entra João Lourenço da Cunha: scena violenta entre os dois em que a rainha successivamenté treme, humilha-se, amaldiçoa e ameaça, e em que elle falla constantemente a linguagem do odio profundo. No meio da altercação sobrevem o Infante que tendo João Lourenço por morto, crê que é a sua alma em pena. Este o ameaça tambem por querer dissolver o matrimonio contrahido com D. Maria Telles. A rainha nega o cazamento: João Lourenço injuria-a de novo, e o Infante arranca da espada. A ponto ja de brigarem acode el-rei aos brados de D. Leonor. João Lourenço que enfiou a ladainha dos doestos affronta tambem D. Fernando que chega a levar mão á espada, mas que lembrando-se de quem é, manda-o como erá de razão, metter na cadêa. Partindo, o antigo marido da rainha, pergunta a si mesmo, quem, prêso elle, defenderá D. Maria Telles. D. Lopo Dias appa-

recendo no fundo responde-lhe: - Seu filho! - E cae o panno.

do

m

ja

in

le

e

?

51

0

0

la

la

0

a

18

e

le

.0

or

3-

ta

a,

154

a

ta

Este acto tem entre todos como é evidente, a primazia no desalinhavado e absurdo do desenho, posto que não lhe falta merito ás vezes na execução das scenas. Primeiramente como é crivel que tendo Garcia Affonso sido encarregado pela Rainha de propor ao Infante o novo cazamento, e estando este na côrte, o Commendador antes de dar parte a D Leonor do desempenho da commissão, sosse a Coimbra levar a celebre carta do acto 2.º, o que podia fazer qualquer pagem ou correio? Em segundo logar, não estaria doido João Lourenço, tendo tomado a peito desender D. Maria Telles, em vir metter-se nas garras da rainha, so para a injuriar e aos outros seus inimigos, porque não consta do drama que viesse fazer outra coisa? Que esperava elle lhe succedesse, entrando no paço, onde todos o conheciam, para practicar aquellas gentilezas, senão ir jazer na cadêa? Depois como entrou elle sem licença até o quarto de D. Leonor? E a mesma inverosimilhança do primeiro acto. O paço real no seculo XIV era menos vedado que hoje: permittia-o a differença dos tempos; mas nem por isso era uma taberna, onde qualquer entrasse quando e como lhe approuvesse: e todavia é sobre estes argumentos que assentam os dois ultimos actos. Quanto a este abster-nos-hemos de dizer mais nada contentando-nos com observar que termina por um effeito dramatico perfeitamente analogo ao desfeixo do segundo, isto é pelo apparecimento de um personagem comprehenden perfiniancente o character inesperado.

Acto 4.° — João Lourenço está na masmorra em que a propria imprudencia o lançou. Ahi se doe e queixa de Deus, em vez de se queixar de si. No meio de suas lástimas passa uma barca pelo Téjo, e ouve-se n'ella uma voz que se aproxima da prisão. A unica prisão em que podia estar João Lourenço era a dos paços do Castello e como de la se ouvia uma voz no rio e ésta se approximava da masmorra não será facil dizer: todavia deixemos bagatellas. Provavelmente quem cantava era D. Lopo que d'ahi a pouco entra no calaboiço, alias não intendemos que podesse trazer-se a proposito tal cantiga que nada tem com o drama. D. Lopo vem livra-lo, acompanhado do carcereiro que provavelmente para isso peitou. Isto de carcereiros comprados como meio dramatico, é coisa quasi tam velha e gasta quanto o estão os confidentes classicos. O prêso recusa a liberdade porque quer morrer. Aqui fica evidente a doidice de João Lourenço. Não podem ter passado cinco minutos desde

que elle dizia: Oh Senhor Deus deixar-me-heis morrer sem ter salvado a innocente Maria?... Oh, nem uma esperança me dais? — e agora que o querem soltar responde com vehemencia: deixae-me morrer; deixae-me morrer!? --Pois se quer morrer para que estava apoquentando os ceus com seus queixumes? Isto era capaz d'impacientar até o sancto dos sanctos. Em fim depois de várias ponderações do poeta phtysico o homem resolve-se a sair. D. Lopo diz-lhe que espere que vae arranjar os meios da fuga, e parte com o carcereiro. Fica so o prêso, porêm não tarda companhia. Uma porta secreta se abre e D. Leonor entra, tira a chave e encaminha-se para seu primeiro marido. Vem dizer-lhe que elle ha de morrer alli mesmo: vem saciar o seu odio: João Lourenço depois de ameaças mutuas tira-lhe repentinamente a chave da porta secreta, e diz-lhe que vae salvar D. Maria Telles; a isto acode a Rainha que não lhe achará senão o cadaver. Desesperação de João Lourenço da Cunha, que supplica de joelhos, e que achando D. Leonor inabalavel, ergue-se furioso e quer mata-la com um punhal que traz escondido: é então que ella supplica; é então que elle se torna inexoravel. Aponto de a apunhalar chega D. Lopo; a esperança amortece a cholera no coração do marido da Rainha; o punhal cae-lhe das mãos. D. Leonor continúa todavia a ficar de joelhos, a pedir não que lhe deixem a vida, porque ésta ja ella sabe que está salva; mas que a soltem; que lhe permittam sair d'aquelle logar d'horror. Sublime hypocrisia que encobrio o ânimo damnado com a mascara do susto. Recusam-lho: então a cholera trasborda do peito d'essa mulher que é um abysmo de maldade. Nem a demora d'uma hora a que elles a condemnam saindo, soffre a rainha. Apenas se acha so a régia hyena corre, e lança raivosa as garras ás grades da masmorra; depois ajoelha e quer orar, mas alevanta-se logo, e sorri. Pensa um momento, e com gesto ameaçador exclama: Daqui a uma hora serei outra vez rainha. Um pensamento atroz e medonho reluziu por certo á luz sanguinea que bruxulea n'essa alma? Qual foi elle? Sabe-lo-hemos no sexto e derradeiro quadro.

Nas tres últimas scenas d'este curtissimo acto, tão curto que talvez a representação d'elle não occupe quinze minutos a scena, revella-se um poeta. Não mencionaremos defeitos por que o que tem excellente no-los varreu da memoria: o auctor comprehendeu perfeitamente o character de D. Leonor: ha aqui o talento profundo de um verdadeiro escriptor dramatico. Oxalá poderamos dar de tudo e de todo o drama os mesmos testemunho de louvor e admiração! Com magoa temos feito o contrario, porque é o nosso penoso dever distribuir recta e severa justiça, e corresponder á confiança que em nós

depositou ésta assembléa

Quinto acto. — Estamos em Coimbra nos paços do Infante. Ao correr do panno D. Leonor e Garcia Affonso fallam a sos. A rainha, segundo parece, saiu da prisão e chegou a Coimbra antes que João Lourenço e D. Lopo. Não é isto provavel mas é possivel; porque o odio entranhavel costuma ser ás vezes mais diligente que todas as affeições. A scena da prisão, uma vingança falha, uma humilhação necessaria mas cruel, espertaram toda a violencia do character da rainha: os remorsos desappareceram, e ella precisa de sangue. Incita por isso o Commendador para que positivamente accuse sua irmã do

adultera: conhecêra pelo terror de João Lourenço que este a amava, e é de bom-grado fratricida para começar pela vingança que mais deve doer a seu antigo marido. É este o verdadeiro retrato de D. Leonor, mas o que é falso, o que não condiz com o character profundamente dissimulado que lhe attribue a historia, e o auctor tam bem pintou no fim do 4.º acto, é o injuriar gratuitamente o mesmo homem que está incitando para que seja instrumento da sua vingança. Embora ambos se conhecessem bem mutuamente: embora éstas duas almas negrissimas estivessem sem máscara; mas ainda os maiores malvados não ouzam recordar uns aos outros os seus crimes, e injuriarem-se com elles senão nos extremos de cholera. Vemos que do aspecto que toma ésta scena e do seu desfeixo, depende a existencia de duas ou tres scenas seguintes: a inverosimilhança porêm da origem diminue-lhes grande parte do merito que possam ter. As affrontas da rainha são correspondidas por Garcia Affonso, que acceitando a infame commissão, e um bracellete que deve servir de prova á calumnia, sae praguejando e ameaçando D. Leonor, e ameaçado e praguejado por ella. Esta scena é evidentemente desarrasoada, ou antes impossivel. D: Leonor fica so, e n'um monologo resolve a morte do Commendador: foi para isto que se delineou a scena antecedente. Por assim dizer, o auctor sez n'um drama o que se diz fazia Boileau nos seus alexandrinos, sugeitou a rima do primeiro verso á do segundo. Resolvido o assassinio do seu antigo cumplice, a rainha dá um signal e apparece Vasco seu pagem. D. Leonor diz-lhe que um homem a ultrajava: responde o pagem que lhe diga seu nome e elle morrerá: ésta scena está felizmente imaginada e o character de um official d'assassino dado ao pagem é rapida e profundamente traçado. Vasco sue e a rainha esconde-se em uma camara para d'alli ver morrer Garcia Affonso. Apenas ella se retira, o Infante entra com o Commendador d'Elvas que pretende persuadi-lo da infidelidade de D. Maria Telles e que por fim o convence com a prova do bracellete, o qual, diz elle, João Lourenço perdêra. Fraquissima é a prova, mas acceitemo-la, visto que o Infante a acceita. Este arranca a adaga, arromba a porta da camara de D. Maria Telles e arroja-se para lá furioso. Garcia Affonso fica so e tirando um frasco de veneno, declara em um monologo que envenenará o Infante logo que tenha assassinado sua mulher. Vasco entra então, e gracejando com Garcia Affonso, diz-lhe que precisa de lhe communicar um segredo, mas que antes d'isso beberá com elle um trago de vidho. O aspecto de Vasco assustou o Commendador lembrado do que passou com a rainha, e de que este pagem é o executor das suas vinganças secretas. Emquanto Vasco vae buscar o vinho, elle lança á cautella veneno em uma das taças que alli estão, e quando o pagem volta enche-a e offerece-lh'a, tomando para si outra. Ambos levam as taças á bocca, mas nenhum bebe. Garcia Affonso põe a sua sobre a mesa e pergunta ao pagem qual é o segredo; rindo atrozmente este lhe pergunta se quer sabe-lo; Garcia Affonso responde que sim, e que o diga depressa porque lhe resta pouco tempo para o revelar por estar envenenado: o pagem continúa a rir e replíca que é elle que o está, e que esse era o segredo. Garcia Affonso despejando a taça mostra que lhe não tocára: o pagem faz o mesmo. O Commendador então lhe diz: Pois bem! nem um nem outro morreremos. — Enganaes-vos! — torna Vasco Tom. II.

soltando uma risada terrivel e dando-lhe uma punhalada. Garcia Affonso, amaldiçoa-se a si e ao pagem, procurando tambem feri-lo. N'este momento ouve-se dentro a voz de D. Maria Telles que implora piedade. O horror appossa-se do Commendador agonisante, os gritus de D. Maria redobram, e o Infante sae da camara com a adaga na mão tinta em sangue. Os remorsos fazem que o Commendador moribundo confesse a innocencia de D. Maria Telles. O Infante furioso quer cravar-lhe a adaga, mas antes disso cae morto Garcia Affonso. João Lourenço chega ja tarde seguido de cavalleiros e povo: o Infante desesperado pede que o matem, e João Lourenço quer cumprir-lhe os desejos, quando D. Maria Telles saindo da camara o retem e vae cair nos braços do Infante a quem perdoa morrendo, Apparece então D. Leonor, e apontando para os cadaveres da irma e do Commendador diz para o marido — que veja como se vingou uma rainha. D. Lopo apparecendo subitamente com a espada na mão, abre uma janella e mostrando a praça atulhada de povo armado, dizlhe: — Senhora rainha, o filho vingará tambem a morte de sua mãe, e o povo as injurias recebidas. Assim se conclue o drama.

Este acto é incontestavelmente o melhor, e o seu effeito scenico deve ser grande. Apezar das imperseições que n'elle se podem com razão reprehender, o auctor procurou resgatar aqui os deseitos que pullulam nos antecedentes,

como successivamente notámos em cada um d'elles.

Restam algumas observações sobre estylo e linguagem: assim completaremos o exame d'este drama visto a todas as luzes a que se deve considerar.

O estylo para dizer tudo em poucas palavras é o da moda: isto é, a maior parte das vezes falso: comparações frequentes, que a situação moral dos personagens que as fazem não comporta: certa poesia na dicção impropria do dialogo: fartura d'essas exaggerações com que embasbacam os parvos da platea, e que os homens de juizo não podem sosfrer. Ás mãos cheias estão por ahi derramadas as maldições, os anjos de azas brancas, os rochedos em braza, es infernos, os demonios, e toda a mais ferramenta dramatica, usada hoje no theatro, e que não sabemos d'onde veio, porque sendo evidente que os nossos escriptores principiantes buscam imitar os grandes dramaturgos francezes, é certo que raramente acharão la essa linguagem ôca e falsa, que so pode servir para disfarçar a falta de affectos e pensamentos: Victor Hugo e Dumas não precisam nem usam de taes meios, e para citarmos de casa, ja que temos ca e exemplo, que esses noveis vejam se nos dramas do nosso primeiro escriptor dramatico, se no Aucto de Gil Vicente ou no Alfageme ha essa linguagem de cortiça e ouropel, ha essas expressões turgidas e descommunaes que sazem arripiar o senso commum, e que offendem a verdade e a natureza. O estylo é tudo, dizia Voltaire. Não somos da sua opinião absolutamente, mas é incontestavel que uma obra litteraria excellente em todas as demais partes, se lhe fallecer a propriedade do estylo nunca poderá obter para seu auctor uma reputação duradoira. Não faltam na historia litteraria de todas as nações exemplos d'ésta exactissima observação.

Quanto aos êrros de lingua e construcção, faceis são elles de emendar : assim o fossem os de estylo, e ainda mais os de contextura! Intoleraveis, mais que nenhuos, nos parecem o vicio constante do introduzir um a nas seguadas

pessoas do plural dos preteritos como fizesteis, tivesteis, etc. — por fizestes, tivestes; soffrer por padecer, sendo a significação portugueza de soffrer a de padecer com paciencia ou constancia: o uso demasiado dos possessivos que tanto afrancezam o nosso mui elliptico idioma: a substituição escusada dos preteritos simples pelos compostos do participio e dos auxiliares: tautologias indisculpaveis, como:—abysmo immenso e sem fim; caverna que parece zombar e escarnecer, etc.; — gradações ás avessas, como: cheio de desesperação e pezar. A estes e outros defeitos poderia o auctor dar remedio revendo attentamente o manuscripto, que talvez o limite de tempo para o concurso lhe não deixou aperfeiçoar e pulir, e por isso intendemos dever n'essa parte ser indulgente a censura do Conservatorio.

Temos feito longa e severamente a crítica do drama — D. MARIA TELLES. — Fizemo-lo assim por muitas e mui urgentes razões. Tem soado queixas contra a forma demasiado simples com que se costumam exarar os pareceres sobre os dramas que annualmente concorrem a premios: conselhos sinceramente dados tem-se tomado pela expressão do orgulho: imaginou-se uma aristocracia litteraria, contrária a todos os ingenhos que surgem de novo. É preciso confessar que pelo que toca ao não motivado, e á brevidade dos pareceres, sobre tudo d'aquelles que condemnam, é justa a queixa. Todas as mais são infundadas. Os factos de quatro annos ahi estão provando o contrario. Se alguma culpa se póde lançar ao Conservatorio é a nimia indulgencia: ja algumas das suas sentenças favoraveis tem sido reformadas pelo supremo tribunal do público, ao passo que ainda nenhum drama condemnado por elle foi levado por appellação ao grande jury da opinião da platea: todavia se os auctores d'esses dramas tinham a consciencia da injustica no julgamento, para la deviam aggravar-se. Esta é a nossa defensão completa contra as vans accusações de parcialidade; contra os souhos de uma imaginaria aristocracia litteraria com que a mediocridade pretende passar aos olhos de parvos e ignorantes, pelo ingenho perseguido ou menoscabado.

A Secção de Litteratura pensa por tanto, que importa ao bom nome do Conservatorio o fazer sempre miuda e inexoravelmente o exame dos dramas que concorrem aos premios, e motivar largamente as suas sentenças. Tanto os concorrentes como a nação tem direito de assim o exigirem. O tempo da censura inquisitorial, que muitas vezes so serve de capa á incapacidade, passou. É nossa obrigação restricta fundamentar as opiniões que assentâmos: julgadores aqui, seremos la fóra réos, e o commum juiz que é o público não está adstricto a julgar por nossas palavras. Por outra parte ésta miudeza e severidade da crítica servirá de correcção aos auctores, para cuja emenda é inutil um parecer superficial e vazio de doutrina, ao passo que lhes habilita o amor proprio

para crer que não foram elles, mas fômos nós os que errámos.

Alem disso, a Secção de Litteratura intende que é necessario ser finalmente severa a censura do Conservatorio, para o verdadeiro progresso dramatico. Durante quatro annos este progresso tem sido unicamente em extensão: falta a profundidade. O numero dos dramas augmenta, mas o merito d'elles é o mesmo, senão é menor. A principio convinha affagar todas as tentativas: hoje é preciso affastar as não vocações dramaticas que a facilidade das recom-

pensas tem tornado em demasia ouzadas, e é preciso constranger aquelles que podem e sabem produzir fructos de verdadeiro ingenho a darem ao theatro obras que os honrem e honrem a patria.

Pelo que respeita em especial ao drama — D. MARIA TELLES — a Secção de Litteratura ainda pede para elle a indulgencia do Conservatorio. A leitura d'ésta composição revéla a verdura d'annos e inexperiencia de seu auctor. O desconnexo e inverosimil da contextura, a ignorancia quasi absoluta dos costumes e instituições da epoca escolhida, e ainda mais a falta de conhecimento da logica das paixões e affectos, o por isso da consistencia dos characteres estão dizendo que o mundo e a sociedade é em grande parte um mysterio para elle, mysterio que ainda mal as tempestades políticas e a vida demasiado energica do nosso seculo lhe revelarão em breve. Se o auctor quizer acceitar os conselhos prudentes que para melhorar o seu escripto lhe não recusarão, por certo, os membros d'este Conservatorio, o drama - D. MARIA TELLES - poderá subir á scena, não com a certeza de obter a approvação de summo juiz o — público — mas de apparecer ante elle sem deshonra sua, e sem que nós sejamos accusados de desleixo no cumprimento dos nossos deveres. O parecer da Secção de Litteratura é portanto, que a Mesa convide o auctor do drama a dirigir-se a ella para o sim apontado. O Conservatorio resolverá o que sôr mais justo e conveniente.

and and audurale and admiralable on Alexandre Herculano.

A Successform of later sempre mends, a messgravelmente o assuace dos distinas que conservatormos o later sempre mends, a messgravelmente o assuace dos distinas que conservantes como a narial tem christia de usano o exigerent. O tenhap da sense sense sequestarial, sque muitas veses so serve de capa a margiculade, possou. É mosa obsegação contricta fundamentas assurantes e que essentamos: julgandores aqui, coronos la ling reos, as o consuma, jung que essentamos: julgandores aqui, coronos la ling reos, nesses palaveras. Por cutras parte esta mandeza e, en erillade da critica ecretica de correcção esta successor, para cuja emenda é institute ma recer separaciante e vesto de duntama, so paso que lines habitis o amor próprio

para cree que mo loga estas elles, que blatos porce que cerámos.

Alengelesa, a pere a de Litteretura dilende que o accestro ser finalmente severa a centura de l'oncertatorio, pura o serdadorio progresso dismatien. Ormante quetro annos este progresso tem sido micamente em extensio:
l'atig a profamilitade a O numero das dramas augmente, mas o merito d'elles é
comessios, somme A monor. A principio convinha hiligar toda, es tentativas:
lingo e preciso allatiga as udo vocações dramaticas que a facilidad, das recom-

a littler mai de Julier O marques mondo depos religionaria, o dest MAU PAE E MAU PILHO -- DRANA EN TRES ACTOS. post-file pretodes cone o marques a mismi marantalemes cam-

chrunando-lhe infame a cuitore and . onthe corte of commence on the cortes of the cort

tuma d'improvisor injuria-es, e ordina-lue vetta de note que un ca en luca. Li o drama intitulado - MAU PAE E MAU FILHO - proposto para obter premio do Real Conservatorio Dramatico, e não encontro n'elle merecimento sufficiente para que possa alcançar a distincção que tem por objecto. O mau pae é um marquez que destina seu filho a uma nobre e ricca herdeira, e o mau filho, deixados os planos ambiciosos do pae, entrega-se ao amor que lhe inspirou uma pobre orpha, que existiu em casa do marquez. Amor de um lado, ambição e egoismo do outro, trouxeram as coisas ao extremo do pae assassinar o filho em um accesso de cholera. Este desfeixo é repugnante e preparado sem muita arte. Se unicamente se tractasse de licença para ser representado poderia merece-la este drama. Alcançar premios parece-me que não.

Lisboa, 24 de Dezembro de 1842. com Erresto e o absorbato do marquez. O barbo promotto profugesta

Carlos Bento da Silva.

suc cobridha o receba por marido. Ernesta dia que conne no cazamento por and the milet of asserting experts 2.0 PARECER. I'm ... and resides of milet of rames

porque lulton da et processas leites a duba," e ibe declara que ja man ouer que

Sou encarregado de ampliar o parecer que o Senhor Carlos Bento da Silva deu sobre o drama intitulado — MAU PAE E MAU FILHO — porque dizendo que não encontrava n'elle merecimento sufficiente para obter o premio a que se propunha, e que o desfecho era repugnante, e preparado sem arte, comtudo não habilitava a Secção de Litteratura a formar nm juizo claro do enredo d'este drama a sim de podèr adoptar o dito parecer.

Li pois, e examinei o -- MAU PAB B MAU FILHO -- e julgo que o Senhor Carlos Bento da Silva teve muita razão para o reprovar, e parece-me que para demonstrar isto será bastante fazer uma fiel descripção do seu enredo acto por

acto, e assim creio ter cumprido a minha commissão.

O 1.º acto é em casa do marquez de Sopelana. — Julia, orpha que ficára de um antigo amigo e bemfeitor do marquez, está em casa d'elle, e namorou-se d'Ernesto seu filho, que promette desposa-la, visto que ja a possue como amante. O pae desconfiado d'este namoro interroga Sanches, seu mordomo, para que lhe revele a verdade, ao que elle se recusa, mas D. Felix, abbade e primo do marquez, e que soffre os desprezos de Julia, confirma as suspeitas do marquez, diz-lhe que são cazados, e lhe accende mais o furor em que está por ver assim deslustrada a prosapia da sua familia. Manda chamar Ernesto, que entra na companhia do barão de Murviedro, visita do marquez, e que lhe entrega uma carta de seu irmão o conde de Jaen, na qual annue ao projecto de cazar Ernesto com sua filha Amelia, cuja noticia muito entristece Ernesto, que se retira ameaçando D. Felix de lhe cortar a lingoa, se continuasse a fallar mai de Julia. O marquez manda depois chama-la, e a descompõe por amar Espesto, e diz-lhe que elle está para cazar. Julia revela-lhe o seu amor, e pede-lhe piedade, mas o marquez a intima para sair de sua casa chamando-lhe infame seductora de seu filho. Vem elle, e troca expressões amorosas com a sua amante e ambos renovam os seus protestos. O marquez os toma d'improviso, injuria-os, e ordena-lhe a ella de novo que se va embora. Ernesto quer oppox-se; o marquez arranca de um punhal para Julia e chamalhe furia do inferno; Ernesto desembainha a espada para a defender, e Julia desmaia.

2.º acto em a mesma casa. — D. Felix censura a imprudencia do marquez por mandar pôn Julia fóra de casa, quando sería melhor mette-la n'um convento, ou arranjer algum de bom estemago que a despozasse, o que sería facil conseguir por dinheiro. Entra Ernesto, e o marquez lhe lança em rosto a baixeza dos seus sentimentos. Ernesto desculpa-se, pede-lhe perdão, e que

receba outre vez Julia em casa, o que não consegue.

A 2.ª scena passa-se n'outro parte; em casa do commandante da fôrça aoude apparece Julia para fallar ao barão de Murviedro, a quem conta os seus amores com Ernesto e o abandono do marquez. O barão promette protege-la, esconde-a n'um quarto, e manda chamar Ernesto, a quem pergunta a razão porque faltou ás promessas feitas a Julia, e lhe declara que ja não quer que sua sobrinha o receba por marido. Ernesto diz que annue ao cazamento por temer a cholera de seu pae, mas que o seu coração pertence a Julia. O barão exige, que elle faça ésta declaração por escripto, o que elle executa, entregando-lhe o papel, e retira-se. O barão chama Julia, e manda-a de carruagem para casa de Ruy Gomes, seu antigo criado.

A soena 3.º é n'outro sitio; em casa do marquez. D. Felix participa-lhe que viu Ernesto passear com Julia, e entrarem para casa de Ruy Gomes. Entra o hanão, e pede o ficar so com o marquez, a quem intenta persuadir que deixe cazar Ernesto com Julia; o marquez não admitte similhante proposta, e

o barão protesta, que hade proteger Julia, e effectuar o cazamento.

A scena 4.ª é n'outra parte; n'um campo com uma casa no fundo, e apparece Julia conduzida pela Justiça, e á frente o alcaide D. João. Ruy Gomes pertende tira-la; D. João diz-lhe que se acommode senão quer ir também beijar a sancta; dá-lhe um empurrão e Ruy Gomes cac. Entra Ernesto, e sabedor da prisão de Julia vae a partir para a salvar, mas é detido pelo marquez. Ernesto ateima, porêm o merquez chama os criados, e diz-lhes que o agarrem, e que o mettam na carruagem, o que se executa apezar dos seus esforcos.

Acto 3° em casa do marquez. — O marquez pertende persuadir Ernesto que se esqueça de Julia para não deslustrar, a pureza do seu sangue. Retira-se, e Ernesto decide não a abandonar. Vem Ruy Gomes dizer-lhe da parte do

barão, que va fallar-lhe a casa de D. Ramiro, que é o vice-rei.

A scena 2.º é passada n'um salão regio em casa de D. Ramiro. Este está com o harão, e manda vin á sua presença o alcaide D. João, que depois vae para a cadêa por ter prendido Julia sem ordem. Entra o marquez, a quem D. Ramiro propõe o cazamento d'Eruesto com Julia. O marquez responde que

não é possivel, e que Ernesto é o proprio que ja não quer. Entra Ernesto, e D. Ramiro pergunta-lhe se ama Julia. O marquez faz-lhe signal para dizer que não, mas Ernesto reconhece a confissão que entregou por escripto ao barão, e não se retracta. D. Ramiro ordena que se effeituem os desposorios, e o marquez sae raivoso. O barão diz que o marquez é cabeçudo, e que póde fazer alguma asneira. D. Ramiro não se importa de tal, diz que é preciso abater-lhe o orgulho dos tempos feudaes, e manda o barão que va ter com

elle para o moderar.

0

sa

OS

a.

A-

lia

ir-

ım

fia

ito

ue

'Ça

us

oß:

lue

)OI

:n-

11-

lhe In-

ļue , e

e Joem , e ar-

seus

esto -se, do

iste pois iem gue A scena 3.º é em casa do marquez. — Este cada vez mais furioso encontra Ernesto com uma carta para Julia, o que mais o encholerisa: exige que elle abandone Julia, ou que o mata com o espadim. Ernesto não quer; o marquez vae para o ferir, e apparece D. Felix, que o sustem. Entra o barão, e Sanches, depois D. Ramiro, e a Justiça que vem buscar Ernesto para cazar com Julia. O marquez lhe ordena que não parta. D. Ramiro insta dizendo que na sala proxima está Julia á espera. Ernesto vae a partir, e o marquez o fere mortalmente, e morre proferindo o nome de Julia, pedindo perdão ao pae, etc. Entra Julia, que desfallece sobre o cadaver d'Ernesto: e D. Ramiro diz á Justiça, que segurem o fillicida para que a lei desaggrave a natureza.

Ja se vê que o merito litterario d'este drama é nenhum, e quanto ao estylo e linguagem nada tem de bom. Não se encontra em todo elle uma so belleza, um so pensamento sublime; e a respeito de divisão de scenas, mudança de vistas, entradas, e saidas de interlocutores, até sería impraticavel. Repito que o Senhor Carlos Bento da Silva teve razão, excepto quando diz que se unicamente se tractasse de licença para ser representado poderia me-

recê-la este drama, porque parece-me tambem que não.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1842.

O Secretario

Antonio Joaquim da Silva Abranches.

